N.º 256—11.º ano

-AGOSTO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — **73, Rua Garrett, 75** — **LISBOA**

FLIT MATA A TRAÇA EM TODOS OS ESTADOS

Porque deixais que as traças estraguem os vossos fatos, se o Flit, economicamente, vos pode proteger desse flagelo? O Flit não só destroe as traças, como tambem extermina os seus ovos, matando ao mesmo tempo quaisquer outros insectos. Use o Flit à vontade, pois o seu jacto não mancha. Para evitar substitutos do Flit, exija sempre a lata amarela selada com a gravura do soldado e a lista preta.

FLIT
Kills
Flies
Mosquitoes
Cockroaches
Bugs
Moths
Ants
Flit spray will not stain

FLIT POWDER
Kills

Polvilhe com PÓ FLIT todas as fendas do chão, e assim matará todos os vermes que nelas existirem.

FLIT — o insecticida que mata sempre!

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano**, um volume. — **Antero de Figueiredo**, um volume. — **Augusto Gil**, um volume. — **Camões lírico**, cinco volumes. — **Eça de Queirós**, dois volumes. — **Fernão Lopes**, três volumes. — **Frei Luís de Sousa**, um volume. — **Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume. — **João de Barros**, um volume. — **Lucena**, dois volumes. — **Manuel Bernardes**, dois volumes. — **Paladinos da linguagem**, três volumes. — **Trancoso**, um volume.

Cada volume brochado . . . . . . **12$00**

Cada volume encadernado . . . . **17$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 256 — 11.º ANO
16 — AGOSTO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

Nestes dias calmosos que vão correndo ninguém se lembra já — e ainda bem! — dos recentes rigores do passado inverno... O que lá vai, lá vai...

Agora, cada um de nós pensa em gosar, o melhor possível, umas boas e longas férias, correndo para a praia da nossa preferência. Nem mesmo deveríamos fazer outra coisa.

Enquanto o mundo se contorce numa congestão pavorosa, fazendo prevêr um horrível cataclismo, havemos de arvorar-nos em Heráclitos de má morte ou em carpideiras de boa vida?

Se a nossa consciência não nos acusa de termos contribuido, nem de perto nem de longe, para o terrível mal que está corroendo já uma grande parte do coração da humanidade, havemos de contagiar-nos dessa mesma lepra que nos repugna?

Nas nossas terras do norte, quando uma povoação é assolada por qualquer epidemia, os habitantes das povoações visinhas calafetam as janelas que dão para êsse lado, na plena convicção de que, assim, o mal não os atingirá. Tomadas essas precauções, continuam a sua vida como até ali.

Façamos o mesmo.

É a praia que nos atrai? Sigamos para a praia.

Repousemos o nosso espírito e tonifiquemos os nossos pulmões combalidos pela vida asfixiante das cidades.

As praias, constituidas com areia fina, frágil e movediça, dominam inteiramente o mar imenso e rugidor.

As ondas encasteladas podem envolver transatlânticos e sorvê-los em três segundos, podem esfacelar a mais sólida muralha que se lhes oponha como dique, podem inundar cidades e arrazar-lhes os mais belos monumentos, mas, ao deslizarem na praia, curvam o dorso, ajoelham humildes, e beijam-na contritamente no coração.

Razão tinha o Hilário ao afirmar que

O mar também tem amante,
O mar também tem mulher...

Á fôrça de ver tais arroubamentos amorosos, o saüdoso mago da guitarra deduz que o mar

É casado com a areia
Dá-lhe beijos quando quer.

Já admiraram o adorável encanto das praias? Seja uma enorme extensão de areia ou uma ciclópica sucessão de penhascos, tôdas as praias oferecem um aspecto imponente.

Ante a praia estende-se o infinito, o terrível, o desconhecido. Aquela imensa superfície de água com reflexos cristalinos, em cujo seio se ocultam abismos inexplorados, atrai a nossa vista numa deliciosa vertigem.

Foi nas lindas praias da Grécia de outros tempos que a fantasia dos seus poetas e dos seus artistas criou aquelas sedutoras sereias que com os seus cantos maviosos e enganadores atraíam os nautas inexperientes para a morte.

Ideou também as náiades de corpos esculturais e ondulantes cabeleiras, que, habitando no mar, apareciam em meio das tempestades para serenar com os seus sorrisos feiticeiros o atribulado ânimo dos náufragos.

Com o rodar dos séculos, as náiades e as sereias fabulosas tornaram-se realidades palpáveis e estonteantes.

Percorram uma das nossas praias — a do Estoril, por exemplo — e verificarão por seus próprios olhos a presença de mil e uma beldades mais graciosas que as náiades e mais tentadoras que as sereias.

Se Ulisses tivesse novamente a ideia de aportar a estas paragens, não encontraria tempo para se fazer amarrar ao mastro grande da sua embarcação, nem para atafulhar de cêra os ouvidos dos seus marinheiros.

Teria desembarcado em plena praia, e, guiado pelo seu faro prodigioso, iria passar uma noite deliciosa no Casino.

E, nessa altura, não lhe falassem na guerra de Troia nem nas barbaridades cometidas durante o pavoroso incêndio que fez fugir Eneias com o pai às costas. Ulisses ia ali para se distraír e não para discutir as leviandades da desavergonhada Helena que, nestes tempos, passaria a chamar-se Política.

Façamos nós o mesmo.

A FÉ BIZANTINA

Como é sabido, o mundo antigo encontra-se religiosamente dividido em dois hemisférios cristãos: o católico romano e o ortodoxo bizantino. Um, tem por cabeça o Vaticano; o outro o Bizâncio que os turcos passaram a chamar Estambul.

Antes da Grande Guerra, a existência política do império austro-húngaro fazia estender o som dos sinos católicos desde a Bretanha francesa à sombria cordilheira dos Cárpatos. O Vaticano dominava ali inteiramente.

A míngua e retraïmento da acção catolizante no Levante europeu, e ainda o aumento de igrejas bizantinas, tiveram uma grande influência na política religiosa do mundo inteiro.

Os povos, que jaziam sob essa armação mais ou menos ornamentada, reivindicaram as suas aspirações políticas, e adensaram as suas nacionalidades, tendo por credo religioso, na sua maioria, a confissão bizantina. Assim, ainda que as velhas tôrres católicas continuem fazendo soar os seus bronzes, num cântico de fidelidade a Roma, ao alto dos Cárpatos ou às margens do Danúbio não chegam os pregões dessa fé usada no mísero Estado feito em pedaços.

Em compensação os pequenos e calados templos bizantinos parecem destacar se com maior confiança em si mesmos, através das novas terras anexadas pela Jugoeslavia e pela Roménia.

Na contextura dos templos católicos e ortodoxos verifica-se que sob a forma religiosa, perdura a antiga divisão do Império do Ocidente e do Império do Oriente.

Em face disto, temos a impressão de que os mais graves acontecimentos da história civil dos povos se assemelham a uma árvore achacosa, cuja folhagem efémera rompendo numa estação, cai amarelecida na estação seguinte, ao passo que as emoções religiosas podem ser comparadas a uma floresta imensa, cujas fôlhas se mantêm verdes como a esperança e perenes como a Eternidade.

Temos de reconhecer que essa antiquíssima relíquia da separação dos Impérios — o Ocidental ou romano, e o Oriental ou bizantino — perdura apenas em aparências religiosas.

Se repararmos num templo católico, veremos que as suas grandes naves e arcadas parecem recordar os arcos de triunfo da remota metrópole romana. A magnificência da sua construção denuncia o amor pelas grandezas tão grato a Roma.

Quem poderá negar que, ante a arquitectura dos templos católicos, que são obra das multidões românicas, não surge nítida e imperecível o sentido robusto da Criação, segundo o gôsto dos Césares romanos que dominaram todo o Ocidente?

Agora, reparemos na extrema exiguidade dos templos bizantinos. Qualquer dêsses templos pode ser comparado a uma ermida.

Não foi talhado, consoante o gôsto pelo gigantesco, mas segundo o sentido do comedido e do discreto. Vê-se logo que não foi erguido por uma multidão artífice, mas tão sòmente para ponto sossegado de prece e meditação.

Se repararmos mais minuciosamente, vemos que sob essa armação cristã, debaixo dessas paredes frias, está o esqueleto marmório, regular, completo, de um antigo templo do paganismo grego. E, então, compreenderemos por que em tôdas as edificações bizantinas existe o sôpro mágico da prodigiosa beleza ateniense.

Parece que o espírito heleno se vinga cruelmente do seu eterno rival, o espírito romano.

Os templos bizantinos! Desde as margens adriáticas da Jugoeslavia até o fundo dos montes Urais, aparecem com o seu porte gracioso e discreto, com a sua armação oblonga e quadrangular sôbre a qual se erguem os torreões-claraboias que servem para iluminar a grande abóbada interior. Não têm sinos pendurados no ar como enforcados. Contam, na visinhança, com uma tôrre própria para chamar os fiéis. Os templos bizantinos assemelham-se a pequenos cofres para guardar um misticismo singelo. No seu interior não há estátuas que podem lembrar o culto dos idólatras. Existem apenas pinturas, e essas mesmas executadas conforme os moldes seculares que os artistas, por mais imaginosos que sejam não alteram.

Dispõem de um único rectábulo, fronteiro à porta, e tem por nome o *iconostasio* porque ali se encontram os *iconos* ou imagens santas.

Sôbre um fundo comum de civilização grega, os santuários das nações orientais diferem apenas nos acessórios, segundo o país em que se encontram.

Depois do heleno, é o russo que mais originalidade criadora sabe pôr nos torreões dos seus templos, coroando-os com cúpulas que fazem lembrar as grandes cebolas de oiro com a raiz voltada para o céu.

Seguidamente, aparecem por ordem de méritos os romenos, e após êstes, os sérvios e os búlgaros.

As duas fotografias que ilustram esta página apresentam um curioso contraste: enquanto no norte da Transilvânia, na Roménia, se ergue, numa humildade encantadora, uma igreja em madeira, na Côrte de Argés, levanta-se o formoso templo bizantino, construido há mais de quatrocentos anos.

Por esta igreja, que se tornou digna da antiga capital da Valáquia, poderá estabelecer-se a diferença que existe entre os templos bizantinos e os do Ocidente.

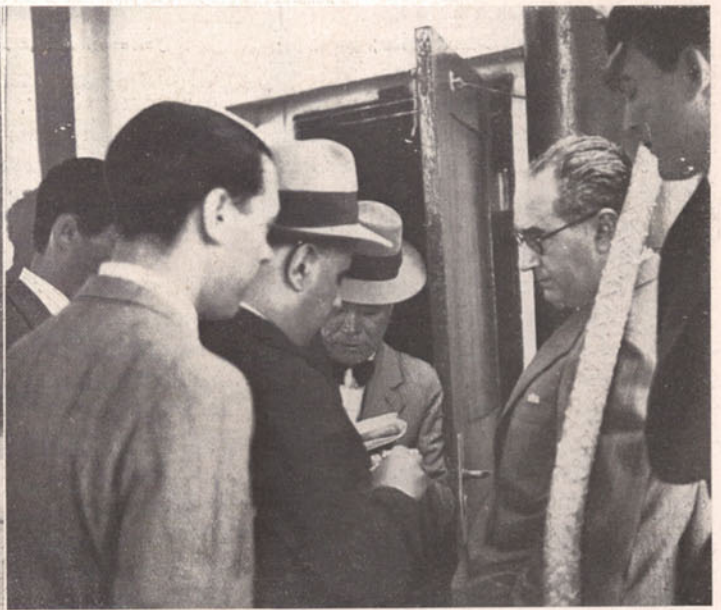
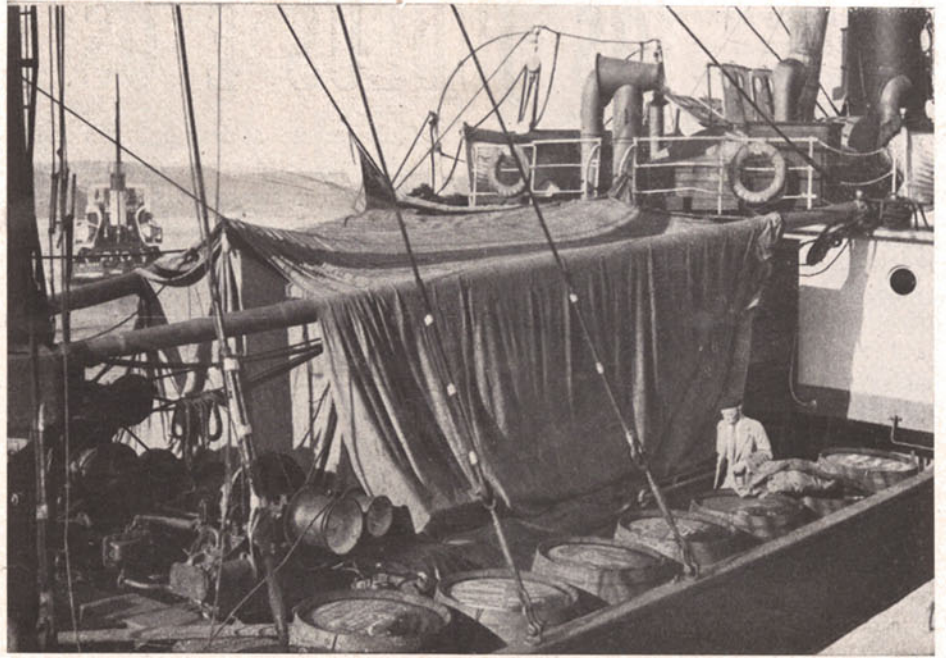
A êstes piedosos albergues acodem multidões gregas, sérvias, romenas, búlgaras e russas, elevando preces, cada uma em sua língua. No entanto, os trajos rituais e o código das cerimónias são da capital do Oriente — a encantadora Bizâncio — que ainda enfrenta Roma, sua rival.

Uma humilde igreja de Transilvânia, na Roménia

O templo bizantino da Côrte de Argés, na Romenia.

O vendaval espanhol

Em Espanha sopra mau vento, e assim se explica a contínua fuga, não só de espanhois como de estrangeiros, para o seio sossegado de Portugal. As gravuras que publicamos nesta página apresentam-nos, à direita, um aspecto dos camarotes das senhoras no convés do "Bremen„ que trouxe a salvamento tantas vidas em perigo. *Ao centro,* a chegada dos refugiados holandeses que contam verdadeiros horrores do que se está passando no país visinho. *Á direita,* aparecem os foragidos alemãis no cais da Rocha do Conde de Óbidos, que, melhor que os telegramas das agências, relatam os pavores a que assistiram na formosa cidade de Málaga. *Em baixo, à esquerda,* o chefe das Direitas, sr. Gil Robles desembarcando em Lisboa, e, *à direita,* um refugiado espanhol contando a sua odisseia causada pelas Esquerdas.

OS JUDEUS E OS ÁRABES

Os judeus nunca deixaram de habitar a Palestina completamente. As ruínas de muitas sinagogas, descobertas em escavações recentes, testemunham que no século XVI da e. v., e até mais tarde, havia muitos agrupamentos judaicos, espalhados pela Galileia. As perseguições das cruzadas reduziram o número daqueles agrupamentos, mas é fácil de provar que, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, residiu na Palestina um número importante de judeus. Durante os séculos, os judeus dispersos pelo mundo enviaram constantemente peregrinações à Palestina ou iam para lá, afim de ali acabarem os seus dias, num ambiente sagrado pela história e tradições, e descerem finalmente à terra também sagrada. A esperança messiânica dos judeus da *dispersão*, cuja realização lhes daria de novo a posse da antiga pátria, nunca os abandonou e foi essa esperança, que sôbre êles exerceu uma influência suprema, durante a idade média, sem a qual não teriam resistido aos sofrimentos inflingidos nesse tempo e ainda nos séculos XVII, XVIII e XX. Os judeus praticantes nunca aceitaram a dispersão, que êles chamam, em língua hebraica, *Galute*, que significa exílio, como solução definitiva e, onde quer que se encontrassem, suplicavam ao Altíssimo, nas suas orações diárias, pelo regresso à Palestina. São ùnicamente as nações, que renunciam voluntàriamente ao direito de regressar à terra ancestral, que perdem êsse direito; enquanto o coração e o pensamento estiverem agarrados àquela recordação, não se lhes pode confiscar aquele direito. Foi por isso que a Grécia moderna se furtou às garras tirânicas da Turquia, e a Polónia dos nossos dias se reconstituiu depois da Grande Guerra. Muitos judeus praticantes conservam durante a vida uma porção da Terra de Israel, que com êles há de descer à campa. Êste costume piedoso, que ainda hoje se observa nos judeus de fé muito ardente, prova bem como o judeu nunca abandonou a esperança no regresso. É claro que êste anseio pelo regresso, não se deve entender a respeito dos judeus de todo o mundo.

No ano 70 da e. v., quando se deu definitivamente a destruïção do Estado Judaico, supõe-se, apesar dos dados para esta suposição serem muito contingentes, que o número de judeus não iria muito além de quatro e meio milhões de indivíduos. A Palestina é, ainda hoje, um país pequeno, e, na melhor das hipóteses, nunca para lá poderiam emigrar mais do que entre cinco a seis milhões de almas. Ora o número de judeus actualmente espalhados pelo mundo oscila por entre 16 a 18 milhões; é evidente que não há lugar para todos e, o que é mais, é que nem todos querem regressar. O que todos querem, é auxiliar a fundação do Lar Nacional na terra ancestral, para que sirva sobretudo de abrigo aos perseguidos do antisemitismo. É êste o sentir dos judeus, onde o antisemitismo não existe. Onde êles encontram afabilidade tradicional, tanto no povo como nos governantes, a sua gratidão é mais um laço a prendê-los à pátria onde nasceram. Assim, por exemplo, os judeus de Portugal, país que figura certamente na primeira plana dos países de ideias tolerantes, não sentem o desejo de emigrar, e, antes pelo contrário, só sentem o desejo de se dedicarem ao bem do seu país de adopção. Mas o problema hebraico é, para muitas nações, um elemento perturbador e exige uma solução.

Judeus assassinados pelos árabes em Tel-Aviv

A criação de uma pátria judaica na Palestina, há de suavisar muito as arestas do problema, e, ainda que não haja lugar para todos os perseguidos, a sua existência como refúgio há de aliviar a situação dos restantes. Todos os povos teem direito a um canto na terra, ainda mesmo que não seja ao sol, e os judeus que clamam por êsse direito não perguntaram se a Palestina é grande ou pequena, rica ou pobre, salubre ou doentia. Clamam porque é o único canto do mundo a que teem direito. Apenas numas curtas décadas os judeus teem feito mais a favor do desenvolvimento do país, do que a administração turca ou árabe durante séculos. Há 50 anos a Palestina encontrava-se num estado de ruína lamentável, e é ùnicamente devido ao esfôrço hebraico, com os métodos a grícolas aperfeiçoados, que a produção aumentou; foram estancados os pântanos, por meio de arborisação, e portanto extinta a malaria; fundaram-se fábricas; transportou-se de longe a água pura para as cidades, que viviam de poços e cisternas e do terreno deserto surgiram cidades e vilas. Com os impostos pagos pelos judeus e os dinheiros, que o desenvolvimento hebraico tem contribuído para o erário, o govêrno inglês fundou escolas, estabeleceu a higiene, construiu estradas e caminhos de ferro e organizou as comunicações postais e outras, e de todos estes benefícios usufruem os árabes. O censo realizado na Palestina em 1931 veio provar o facto notável de que a população árabe tem aumentado nas regiões, onde os judeus se estabeleceram e ficou estacionária ou decresceu, onde não houve emigração judaica. Os judeus, pois, longe de prejudicarem os árabes, teem, por meio das suas actividades económicas, criado para êles novas possibilidades.

Em paga de todos êstes benefícios, continuam os massacres dos judeus na Palestina, conforme a gravura que publicamos demonstra sem a menor contestação! No entanto, nem assim esmorece a grande fé do povo hebraico.

Adolfo Benarús.

NOS BASTIDORES DA LITERATURA

COMO ESCREVEU CAMILO

A CRÍTICA À "HISTÓRIA DE PORTUGAL" DE OLIVEIRA MARTINS

DEPOIS de ter demonstrado que nem sempre Camilo escrevia *currente calamo*, apresentando provas concludentes da factura laboriosa de alguns dos artigos d'*Os Críticos do Cancioneiro*, emendas, substituições, aditamentos sucessivos, nova redacção — objectam-me que só em polémica o grande escritor se daria a tal trabalho, esmerando-se por sobrelevar os seus adversários no apuro da linguagem, no primor da forma.

Mas verificaremos agora como escreveu o artigo crítico sôbre a *História de Portugal* de Oliveira Martins, sem o mais leve intuito de estabelecer polémica.

As notas de Camilo, todas a lápis, encontram-se num exemplar do 1.º tomo dessa obra, existente também na Biblioteca do Liceu de Passos Manuel.

O artigo foi publicado na *Bibliografia Portuguesa e estrangeira*, no n.º 1.º do 2.º ano (Chardron-1880), sob a epígrafe: «*História da Civilisação Ibérica*, por J. P. Oliveira Martins, Lisboa, 1879 — *História de Portugal*, por J. P. Oliveira Martins, Lisbôa, 1879». Foi reproduzido no 2.º volume de *Narcóticos* (Porto-Livraria de Clavel & C.ª — 1882). Nas confrontações das notas e do artigo, usaremos do texto pela reprodução em *Narcotios*.

A páginas 39 do vol. 1.º da *História de Portugal*, (1.ª edição), destaca Camilo, com um traço na margem, os períodos seguintes:

— «O conjunto dos nossos pensamentos morais, o caracter dos movimentos que compõem o sistema do desenvolvimento das instituições e o das condições das classes, e mesmo as linhas gerais da nossa vida política, são apenas um aspecto do sistema geral da história da península ibérica».

E no artigo diz: — «Na *História de Portugal* escreve o sr. Oliveira Martins para demonstrar a concatenação dêste livro com a *História da Civilisação Ibérica*»: E, transcrevendo os períodos apontados, continua: — «Isto mostra a correlação dos dois livros que mutuamente se completam. Falemos do segundo: a *História de Portugal*».

Ha por todo o volume períodos destacados, pequenas anotações e correcções, não aproveitadas no artigo: não trataremos aqui delas, por não servirem ao nosso intento.

Na página 125 da *História de Portugal*, lê-se: — «Falhára a tentativa de assassinato do Mestre de Aviz; e êsse homem em quem antevia o seu futuro émulo, — porque o outro, o cunhado, andava já perdido e homisiado por Castela, — necessitava trazê-lo a si por qualquer arte. Chamou-o ao paço, sentou-o á mesa, ao seu lado: *João, toma êste anel*; disse-lhe, tirando-o do dêdo e oferecendo-lh'o. O Mestre era muito novo ainda, e simples, como foi sempre. *Não tomarei*, responde, recusando. — *Porquê?* — *Porque hei mêdo do que digam de ambos*. A rainha, insistindo, a rir cruelmente, em voz alta, dá-lhe o anel: *Toma tu o que eu te dou, e diga cada um o que quizer*. Os ouvintes ficaram escandalizados das palavras da rainha, e do Mestre receber o anel, e murmuravam.

Camilo anotou: — «Este João é o Andeiro, e não o Mestre».

Na página 128 lê-se, aludindo ao desígnio de assassinar o Conde Andeiro, que, primeiro que a ninguem, ocorrera a Nun'Alvares, o qual logo quizera executá-lo: — «O cavaleiro tinha então 24 anos; e êsse jovem, puro e ingénuo tipo de virtude, é a imagem de uma nação, também jovem e ainda crente num futuro próximo. A' indignação da candidez forte, junta-se a fria sabedoria e o cálculo do burguês experiente: tudo se conspirava para matar o Andeiro, para perder a rainha. Era verdadeiramente o juizo de Deus, cuja sentença, logo que fôsse pública, seria aclamada pela nação inteira. Isto assegurava ao Mestre de Aviz, Alvaro Pais, o atrevido burguês de Lisboa. Falava por sua bôca a cidade que Leonor Teles tanto odiava, e que tamanhos medos tinha da rainha. Pensaria já o astuto burguês, autor do plano do dia 6 de dezembro, na fundação de uma nova dinastia? Queria, acaso e apenas, matar o valido, para aterrorizar a rainha, e entregá-la assim, manietada, ao poder de uma democracia urbana, em que Lisboa se arrogasse o papel de defensora do reino, á frente de um conselho de govêrno, com a regente vilipendiada e coacta, e o Mestre, homem simples, por instrumento e chefe? Era um plano atrevido, mas mais de uma vez posto em prática por diversas cidades opulentas de Espanha. Não contava, porém, o burguês nem com a arte que os anos desenvolveram no Mestre, nem com o generoso e nobre carácter de Nun'Alvares, nem com a fôrça invencível dos futuros textos e doutrinas do grão-doctor, João das Regras».

Camilo Castelo Branco — (Quadro de Alberto Souza)

Sublinhando «Alvaro Pais», Camilo anotou: — «Era nobre — era fidalgo e chanceler-mór do reino, e... vèdor da chancelaria de D. Fernando».

Na página 131, depois de narrar o assassinato de Andeiro, lê-se: — «Também o Mestre já sentia fome, depois de tamanho dia. Foi com Alvaro Pais comer sossegadamente. O gordo burguês cumprira o que tinha prometido; e, á mesa, na satisfação da victória, instruiu o rapaz sobre o que lhe restava fazer: pedir perdão á rainha depois de jantar. Quem sabe? — dir-lhe-ia êle, mastigando, — mais tarde. . casar com ela. E o Mestre, bastardo pobre, ambicioso e simples, via abrirem-se-lhe horisontes seductores».

Camilo anotou: — «Bom, mas...» Na página 132 lê-se: — «Ao outro dia a rainha partiu para Alemquer, oprimida de ódios contra Lisboa»

Camilo anotou: — «Aqui foram fidalgos falar-lhe de casamento com o Mestre».

Na página seguinte lê-se: — «O segundo plano proposto, para evitar a fuga do *Mexias*, era a antiga ideia comum e soez de Alvaro Pais: casá-lo com Leonor Teles O Mestre acedeu; e propõe o caso á rainha que responde com uma gargalhada. Podia-se acaso descer mais? Não podia».

Camilo anotou: — «Bom».

Na página 134 lê-se: — «Termina o reinado de Alvaro Pais, desde que o futuro condestável e o grão-doctor tomam conta, um da guerra, outro da política».

Camilo sublinha *grão-doctor*, e anota: — «Enteado João das Regras de Alvaro Pais».

Tudo isto caldeou Camilo, para escrever no seu artigo:

«Um crítico notabilíssimo, no *Diário Ilustrado*, impugna com razão que o Mestre de Aviz recebesse o anel de D. Leonor Teles. Ainda que o recebesse, a sua memória não ficaria mais denegrida. Ele tem manchas que farte na sua história, as quais bem aproveitadas de Fernão Lopes, e repassadas na joeira da crítica, nos dão um ordinário carácter, nem melhor nem pior que o dos famigerados herois do seu tempo: — nada mais fácil de demonstrar com o testemunho dos seus próprios panegiristas que o exalçaram pelo civismo sobre o pedestal de glória arranjado por boas manhas, cavilações políticas, e a sorte próspera duma batalha, onde não só a bravura nacional, mas também a perfídia dos portugueses bandeados em Castela explicam o êxito. Com uma grande crítica escreve o sr. Oliveira Martins: «O prior do Crato não valia mais nem menos que o Mestre de Aviz; acaso mesmo valesse pessoalmente mais».

Camilo segue neste tom... Mas é interessante trazer aqui um apontamento de Camilo que se encontra no exemplar do *Galicismos*, de que tratei no meu último artigo. E' o seguinte: — «Ou D. Francisco de Portugal, arrancando da espada com espalhafato na sala das côrtes e ufanando-se de bisneto de Nuno Alvares, ou o seu inclito avô mandando mansamente corregר a sua espada e recusando o prenome de senhor que lhe dá o alfageme de Santarem. Os dois condestáveis e os dois bastardos simbolizam as duas épocas.

140 HISTORIA DE PORTUGAL

vos horisontes, vastas ambições, pensamentos ainda inconscientes de um largo futuro, amadurecem encobertos, no seio da nação, formada, acclamada, baptisada em sangue. Chama-a de longe um dubio tentador, o Mar.

Na C. Mun. d. Port
ha papeis que fallam
das extorsoens praticadas
p. Nuno Alvares Per.
no Minho, antes de ca
zar com a viuva q.
lhe deu a independencia
Era um condotieri, pelos
modos.

Página de Oliveira Martins, anotada por Camilo

«O de Alcântara fiava o triunfo das fôrças estrangeiras que se esperavam por horas, o de Aljubarrota revia-se na lâmina açacalada do seu montante».

Este apontamento foi aproveitado por Camilo no estudo sobre D. Francisco de Portugal, que vem no *Sentimentalismo e História*, com algumas alterações:

«Ou D. Francisco de Portugal, arrancando da espada com bizarro espalhafato na sala das côrtes, e ufanando-se de neto de Nuno Alvares — ou o seu inclito avô mandando «correger» a sua espada e recusando o prenome de *senhor* que lhe deu o alfageme de Santarem. Os dois condestáveis e os dous bastardos eram os símbolos das duas épocas: o de Alcântara fiava a victória das fôrças estranhas que se esperavam; o de Aljubarrota revia-se na lâmina açacalada do seu montante».

Ora, Camilo, no trecho acima transcrito sobre o Mestre de Aviz, confunde-o na mesma razoira com «os famigerados heróis do tempo» visando evidentemente Nuno Alvares.

Porque não o indicou expressamente?

Para não patentear a contradição do juizo que ainda ha pouco fizera no estudo sobre D. Francisco de Portugal?

Mas algumas notas que traçara no exemplar da *Historia de Portugal* não deixam dúvida sobre a intenção de Camilo, como vamos vêr

A página 127, lê-se: — «Havia, porém, dois homens que, no fundo, protestavam contra tudo isso: Nunalvares e Alvaro Pais. O primeiro é a mais nobre, a mais bela figura que a Idade-Média portuguesa nos deixou. O tipo cristalizado nos romances, o tipo do cavalheirismo e da pureza, tinha encarnado na pessoa do futuro condestável».

Camilo anotou: — «Engano». Oliveira Martins continua: — «*Usava muito de ouvir e lêr livros de historias, e especialmente usava mais lêr a historia de Galaaz, em que se continha a soma da Távola redonda.* Tinha a ideal nobreza do cavaleiro, e a castidade de um místico. Era uma açucena na alma, e um leão na bravura e na generosidade. Resistira por muito ao pai que o queria casar, porque não curava de mulheres, nem isso lhe alegrava o coração. Por tudo isto, a infâmia da rainha, abraçada ao amante, e as lágrimas, fingidas, pelo marido, côravam-lhe as faces de pejo e enchiam-no de indignação. Nunca a obra indispensável de salvar Portugal podia levar-se a cabo com tal mulher: Deus não consente aos impuros os grandes actos. *Um dia, passeando só, no paço, a cuidar no que havia de ser do reino, ocorre-lhe a ideia de que só a morte do Andeiro podia pôr termo às desgraças públicas*».

Camilo, na altura em que se afirma a castidade mística, anotou: — «Era já casado com Leonor de Alvim, de Basto».

E na página 140 escreveu: — «Na C. Mun. do Porto ha papeis que fallam das extorsoens praticadas por Nuno Alvares Per.ª no Minho, antes de casar com a viuva q. lhe deu a independencia.

«Era um *condotiere*, pelos modos».

Estes papeis, que Camilo examinára em 1867, ou pouco antes, e deviam ainda existir no Arquivo da Câmara Municipal do Porto em 1879, parece terem desaparecido! (1).

A páginas 212, Camilo escreveu: — «A Viagem da India é um quadro perfeito, tecido com muita habilidade — uma síntese das grandes victórias e dos crimes que ficaram imortalizados sob as ruinas dos padrões que lá ergueram os portugueses. A memoria das iniquidades portuguesas é o que remanesce como nódoa de sangue indelével no mármore da história...» Não tem emendas.

Veio a publicar-se:

— «A *Viagem da India* é um quadro perfeito, tecido com muita habilidade, um elenco das grandes victórias e dos crimes que ficaram imortalizados sob as ruinas das fortalezas que, lá ergueram os portugueses na sua viagem de pouco mais de cinqüenta anos. A memória das iniquidades é o que remanesce como nódoa de sangue indelével no mármore da história».

A páginas 196 escreveu:

— «Aqui nos aparece Vasco da Gama, chatim da pimenta». Cortou «chatim», substituindo por — «corsário da vida e da pimenta». E seguiu: — «O sr. Oliveira Martins, admirador de Camoens, não lhe admira igualmente o heroi. Eu tambem na epopea do provedor de defunctos de Macau, em relação a Vasco da G. apenas encontro os seguintes trechos, dignos de sincerid.ᵉ do cantor e das intençoens mercantis...» Cortou as duas últimas palavras, substituindo-as por — «aspirações chatins».

Veio a publicar-se:

— «Aqui nos aparece Vasco da Gama, corsário de vidas e de pimenta. O sr. Oliveira Martins, grande admirador de Camões, não lhe admira igualmente o heroi. Eu também, na epopêa do grão cantor, apenas encontro raros trechos dignos da sinceridade do pindarista e das aspirações chatins do cantado. E' quando o épico nos relata que *a fazenda esteve muito tempo na cidade sem se vender*, e que era *pimenta ardente*,

> *A noz, e o negro cravo, que faz clara*
> *A nova ilha Maluco, co'a canella*
> *Com que Ceilão é rica, ilustre e bela*».

A pág. 217 escreveu:

— «Aff. de Alb. intenta formar na India um imperio modelado pela antiga Roma conquistadora — resurgir os Scipioens».

Veio a publicar-se:

«Depois, Affonso de Albuquerque intenta formar na India um império remodelado pela antiga Roma conquistadora. Queria resurgir os Scipiões, e mandava cortar narizes aos índios».

De onde proviera o pitoresco da última proposição do período?

A pág. 228, disséra Oliveira Martins: — «Os naturais da terra não acreditavam que tivesse morrido; e por muito tempo, insistindo, iam queixar-se-lhe ao túmulo das injustiças e perfídias dos portugueses». E Camilo anotára: — «Tinham bôas razões para se queixarem à piedade de Albuquerque!»

Era a história dos narizes cortados...

Na pág. 216, escreveu:

— «Esta leitura deixa no espírito ideias mais nítidas e profundas da trágica vida portuguesa no Oriente». Substituiu «deixa» por «entalha»; eliminou «mais» e «trágica». E prosseguiu — «Não se forme tão claro conceito dessa tragédia de meio século lendo Barros, G. Corr.ª e os Com. de Aff. de Alb., com os correctivos de Diogo de Couto, de Roiz da Silv.ª e do jesuita Fr.º de Sz.ª Este IV livro da História é elaborado por um processo inteiramente novo». Não tem emendas no original.

Veio a publicar-se:

— «A leitura deste magnífico capítulo entalha no espirito noções nitidas e profundas da vida portuguesa no Oriente. Não se forma tão claro conceito dessa tragedia ignobil de meio seculo, relendo Barros, e os commentarios de Affonso de Albuquerque, com o correctivo de Gaspar

Oliveira Martins, demolidor de idolos (Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro)

(1) Júlio Dias Costa (em *Escritos de Camilo*, pag. 197), transcreve uma nota dêste ano aos *Estudos Biográficos* de José Barbosa Canais de Figueiredo Castelo Branco, no mesmo sentido.

A página 308 do seu livro, Canais de Figueiredo diz que Nun'alvares *viveu em sancto temor de Deus*, e Camilo comentou:

«Existem documentos no Arquivo Municipal do Potto pouquissimo abonadores do *sancto temor* em que vivia Nuno Alvares. Deles se tira que o fidalgo era, à semelhança dos seus coevos, um valentão que, á frente dos seus homens de armas, levava tudo à bordoada, ou mais exactamente, á cutilada.»

Também Dias Costa chama a atenção para a primeira parte do capitulo XIV do *Cavar em ruinas* (1.ª edição, 1867) onde, referindo se ao poema épico *Condestabre*, de Rodrigues Lobo, trata de certas façanhas de Nun'alvares com scepticismo critico. Citaremos o final das suas considerações:

— «A gente que não rouba nem incendeia, e mesmo assim se teme de ir ao inferno, péga a duvidar que o santo condestavel seja realmente santo.

Estas suspeitas não podem defraudar a bemaventurança do justo, é verdade; mas desmoralizam, para assim dizer; e já eu admiro que os causidicos salteadores, nas tribunas modernas, não tenham subornado o animo dos jurados com exemplos d'aquele porte, pedindo, não já uma epopeia para os seus clientes, mas a absolvição e indulgencia, afim de não ofender a memoria dos que fizeram com as mesmas bulas, farta grangearia de gloria, de poemas e — o que mais é — renome de santos!»

Corrêa, de Diogo do Couto, do jesuita Francisco de Sousa e de Rodrigues da Silveira. Esta parte da historia é elaborada por um processo inteiramente novo».

A pág. 251 escreveu:

— «Aqui entra o caracter de D. João de Castro sob aspectos inteiram.te novos, com suas preocupaçoens romanas, distincto de q.tos governaram a India pela illustração que pouco valia para corrigir aleijoens da desorganisação asiatica e desinfeccionar a podridão...»

Só tem emendas no final do período. Sobre «aleijoens» escreveu «de nascença»; á palavra «desorganisação» substituiu-a por «organismo». A' parte, escreveu — «a anarquia».

Veiu a publicar-se na *Bibliografia:*

— «Aqui entra o caracter de D. João de Castro, sob aspectos não usados pelos panegyristas, com suas preocupações romanas, distincto de quantos governaram a India pela illustração, aliás inutil na correcção de aleijões de nascença».

Uma das alterações foi a substituição de — «sob aspectos inteiramente novos» por — «sob aspectos não usados pelos panegyristas». Esta substituição impunha-se: pois no periodo precedente da redacção em artigo encontrava-se a expressão — «processo inteiramente novo». A redacção primitiva dos dois periodos fizera-a Camilo em horas, ou mesmo em dias diferentes, ao sabor da leitura, o primeiro na pág. 21-, o segundo na pág. 251: por isso repetira a frase, inadvertidamente. Substituiu tambem: — «de pouco valia para corrigir aleijoens de nascença» por — «aliás inutil na correcção de aleijões de nascença». O pessimismo venceu-o...

Note-se que o texto que se encontra em *Narcoticos,* contem ainda, por vezes, modificações: neste período, por exemplo, Camilo substituiu «panegyristas» por «apologistas».

A pág. 246, lê-se:

— «Um certo Alvaro de Noronha, na mesma praça, acusado, responde que outro tanto fizera o seu antecessor, «que sendo *apenas um Lima,* levara 140.000 pardaus: elle *como Noronha* havia de levar mais». O brazão da sua casa ficaria manchado, seus avós côrariam, se gente menos nobre lhe passasse adiante em qualquer cousa, mesmo no roubo». Camilo anotou: — «Paulo de Lima Pereira».

A pág. 264, lê-se:

— «Assim aconteceu em 1589 a D. Paulo de Lima, o que assolara Djohor, na Malaria». Camilo corrigiu — «Jor».

E a seguir lê-se:

— «Foi em janeiro desse ano funesto que embarcou em Gôa. Vinha rico: e a náu gemia com o peso do carregamento, abarrotada com um lastro de pimenta a granel, o convez atulhado de arcas, fardos e escravos. O capitão trazia consigo a esposa e domesticos; e vinham com ella, de passageiros, numerosas pessoas, soldados de retorno, frades, clerigos e mulheres». Camilo sublinhou a palavra «esposa» e anotou — «Brites de Mont'Arroyo».

Na página 265, lê-se:

— «Todos confiavam em que Deus não deixaria de proteger um capitão piedoso como era D. Paulo de Lima». Camilo sublinhou «capitão piedoso», e anotou: — «Vejam-se os crimes deste Lima em Diogo de C.» (Diogo de Couto). Na margem oposta da página vê-se o traço duma unhada... Aqui passou a garra de Camilo!

Oliveira Martins

A página 272 lê-se:

— «Na altura de 26° 30' depararam com os restos das jangadas da nau *Santiago:* uma sorte comum esperava, no regresso, todos os que vinham da India; e êsses desastres eram os da nação, que em massa embarcara, e agora, em massa também naufragava. «Estas desventuras e outras, diz o chronista, que cada dia se vêem por esta carreira da India, poderam servir de balizas aos homens, principalmente aos capitães das fortalezas, para nelas se moderarem com o que Deus á boa mente lhes dá, e deixarem viver os pobres». Camilo sublinhou a palavra «chronista» e anotou: — «Diogo de Couto».

Na mesma página lê-se:

— «Dispersaram-se em várias direcções, indo uns por mar a Inhambane; e D. Paulo, na Ilha da Inhaca, «caío em cama, ou, para melhor dizer, no chão», e morreu A esposa recolhendo-lhe os ossos num saco, foi mais tarde levada a Moçambique. Assim terminou esta história lúgubre.» Camilo anotu na última linha a seguir: — «Começa a do ridículo».

E na margem anotou:

— «Esta mulher, Brites de Montarroio, cazou com um criado, logo que o marido morreu, veio para o Porto, donde era o marido, e outra vez viuva ..» O resto da nota foi cortado pela encadernação, mas distingue-se ainda — «3.ª E' que D. Brites casaria, pela 3.ª vez, com outro criado do seu 2.° marido?

Isto deve vir esclarecido em autores coevos. Passaremos adiante, pois não nos dedicamos a investigações heráldicas: averiguem os Limas e Mont'Arroios interessados.

Na página 254 escreveu Camilo:

— «A viagem é contada com os encantos literários duma alegoria. O desastre geral é simbolisado na catástrofe do opulento D. Paulo de Lima — uma agonia acerba referida por Diogo de Couto. Depois deste lúgubre desfecho, o sr. O. M. poderia referir a cómica dramatisação que se continua na Ilha de Inhaca pelo casamento da viuva de D. Paulo, a formosa Beatriz de Montarroio com um seu creado, que devia ser o seu amante, o vingador do marido que D. Paulo deshonrara em Gôa — o marido daquela desgraçada que se arrojara das ameias do paço de Pangim.»

No princípio, cortou — «simbolisado na catástrofe», substituindo por «entra como elemento symbolico»: vê-se que era projecto de redacção diferente, que aliás não realizou. Ao fim, entrelinhou «indiano» apôsto a «marido».

Publicou-se:

— «A viagem é referida com os encantos literarios de uma alegoria. O desastre geral symbolisa-se na catastrophe de D. Paulo de Lima, o opulento capitão que regressava á patria com 140.000 pardáos — uma agonia acerba, referida por Diogo de Couto. Depois, dêste funebre desfecho do heroe de Jor, o snr. Oliveira Martins poderia contar a comica dramatisação que se continúa na ilha de Inhaca, pelo casamento da viuva de D. Paulo, a gentil Beatriz de Montarroio, com o seu creado Henrique Homem Carneiro, que devia ser o seu amante, o vingador daquele marido indígena que Paulo deshonrara em Gôa — o marido daquela adultera que se arrojara das ameias do paço de Pangim. *(Livro em que se contêm tudo o que toca á origem, etc. da Ordem da Penitência do N. Seraphico P. S. Francisco. Lisboa 1684).* Veja o snr. Oliveira Martins onde eu estudo os escândalos!»

No primeiro período encontramos «referida» em vez de «contada». No segundo, «symbolisa-se» por «symbolisado» e o adjectivo «opulento» transforma-se em — «opulento capitão que regressava á patria com 140.000 pardáos». No terceiro substitui «lugubre» por «funebre», e a «funebre desfecho» acrescenta «do heroe de Jor», emprega «poderia contar» em lugar de «poderia referir», prefere «gentil» a «formosa», declara o nome do criado, e substitui «o vingador do marido indiano» por «o vingador d'aquele marido indigena» e ainda «desgraçada» por «adultera». O resto é acrescento comentativo.

os crimes e os roubos, as carnificinas e as brutalidades, os incendios e as piratarias; com tanto que lhe mandassem o que elle tanto ambicionava: curiosidades, primores e riquezas, para encher os seus paços de Lisboa, e deslumbrar o papa em Roma com a sua magnifica embaixada. O saque do Oriente, — este é o nome que melhor convém ao nosso dominio, — ia ordenado de Lisboa.

Outra página de Oliveira Martins, anotada por Camilo

A página 247 lê-se:

— «Contam que D. Manuel em pessoa achava graça ás manhas e vis expedientes com que se explorava a India, quando os que de lá vinham justificavam as artes com a riqueza augmentando a opulência faustuosa da côrte. Bastante dinheiro e um pedaço de lisonja venciam tudo. Diogo de Mello, de quem já falamos como heroe, foi condenado á morte pela Relação de Lisboa; mas *ficou* em morte civil para S. Thomé; depois para a Africa; e, por fim, com dar 500 cruzados para a Arca-da-Piedade, casando suas filhas com as muitas riquezas dos roubos que n'este mundo não pagou. Pagal-os-hia no outro? Não era de crêr; porque o jesuitismo tinha descoberto que a simonia deixava de ser pecado, logo que se seguissem umas certas regras.» Camilo sublinhou *jesuitismo,* e anotou: «E' mania».

Camilo escrevera no artigo da *Bibliografia:*

— «Se os nossos sentimentos divergem na apreciação de alguns factos, a luz a que elle (Oliveira Martins) os offerece tem as excellencias duma convicção guiada por um grande talento. Por exemplo: a questão dos jesuitas a quem o historiador consagra um sincero desamor. Parece que abusa um tanto das espádoas d'elles, sobrepondo-lhes grande carga das fatalidades do paiz desde o reinado de D. João III. A educação jesuitica — segundo nos parece - influiu pouquíssimo no espírito ignorante da nobreza, que, em matéria de religião, sente-se menos da influencia dos padres que de corrupção pagã que desce do paço da Ribeira, através dos pomposos palácios do Rocio, e chega ás alfurjas dos petintais de Alfama.» O jesuíta não educou na direcção das batalhas o neto de D. João III; é

mais de crêr que o orientasse na direcção do céo; mas é sabido que o galhardo misanthropo não obedecia a padres nem a fidalgos. A sua indole estouvadamente bellicosa não lh'a inflamaram os *Exercicios espirituais* do jesuita Rodrigues; seriam antes as odes encomiásticas e sanguinárias dos poetas, e nomeadamente de Camões que lhe dizia falando de setas:

Crendo bem que as que vós despedireis
No sangue sarraceno as tingireis.

E, asseverando-lhe o favor divino, vaticina-lhe:

Deus...
Vos fará vingador dos seus reveis
E os prémios vos dará que mereceis.

D. Sebastião leria estas prophecias cruentas do valente poeta, quando não fazia a sua côrte a D. Juliana, filha do Duque de Aveiro.» ([1])

A páginas 244, Camilo escreveu êste apontamento:

— «O snr. O. M. depois .. (o córte da encadernação eliminou algumas palavras) quanto á corrupção da India, não carecia atribuir á influencia jesuitica a perversão do reino. A Comp.ª de Jesus nas suas chronicas do Oriente sobeja e inutilmente bradara contra a perversão das colonias (Fernão de Queiroz, Fr.º de Sz.ª, Viagem do Arceb. D. Aleixo de M.»

Veio a publicar-se:

— «Os jesuitas não teem que vêr com a corrupção da India. Accusaram-na para o reino em termos desabridos *(Oriente Conquistado*, pelo padre Francisco de Sousa; *Vida do padre Pedro de Basto*, por Fernão de Queiroz). Se os jesuitas cooperaram na perdição dos interesses da Asia — a questão do cravo e da pimenta — isso foi nelles uma virtude da sua missão. Quizeram introduzir o rito latino nas igrejas nestorianas, e d'aqui o desfalque das mercadorias, porque os christãos syriacos malabares com medo dos portuguezes já não desciam a Cochim a negociar. Parece que se devem louvar os missionarios que não transigiram com o erro para conservarem aberta a rica veniaga da pimenta. *(Viagem do arcebispo D. Aleixo de Menezes e The History of Christianity in India* by James Hough).»

A seguir refere-se aos Dominicanos e Jesuitas, á Inquisição, ao padre Malagrida e a Pombal, e observa: — «Não pretendo irrogar censura ao snr. Oliveira Martins, nem o impugno. N'este ponto de divergencia inconciliavel, admiro a habilidade, mas não convenho na equidade da accusação. Todos temos, nos nossos panoramas historicos, illusões de perspectiva.»

Por fim, remata:

— «Pelo que respeita á educação que a Companhia ministrava, uma apreciação do snr. Oliveira Martins salva-a de obscurantista e ardilosa no methodo: «...Todos concordavam, até no seio da Alemanha protestante, que a mocidade aprendia mais e melhor com os jesuitas. As linguas antigas éram na Renascença, o alicerce da educação clássica, e ninguem excedia no conhecimento d'ellas os professores dos collegios, que a Companhia espalhava por tôda a parte: sempre que erigiam um templo, fundavam uma escola». *Historia de Portugal*, Tom. II, pag. 69).»

Encontrei no exemplar do *Galicismos* alguma coisa que se prende a êste assunto. E' na página 45, em nota ao texto de *Epistola* de Filinto Elísio:

— «D. João II, nota o autor, que mandou muitos moços de bom engenho á Italia e Alemanha, etc., e que instituiu em Paris, no collegio de Santa Barbara 25 tensas ou bolsas para 25 portuguezes, que quizessem ir alli estudar. Duraram as tensas até que os jesuitas as aplicaram a si, a titulo de que em seus collegios elles ensinavam em Portugal tudo o que se podia aprender em França!»

E Camilo comentou:

«Como de facto. Em França ensinava-se justamente o que os jesuitas ensinavam. A corrente da reforma corria por fóra das universidades.»

Oliveira Martins, no seu folheto *A Historia de Portugal e os criticos da 1.ª edição*, respondeu a Camilo:

— «Nem tudo foi, porém, aplauso no parecer

Oliveira Martins

do sr. Camilo Castelo Branco, que não pode esconder um certo fraco pelos jesuitas. Não foram elles, foi Camões quem excitou os ardores de D. Sebastião: eu acho que foram ambos. A educação jesuitica influiu pouquissimo no espirito ignorante da nobreza, diz-me. Seria assim, ainda que não parece; mas influiu muitissimo na instrução do povo, o que vale mais, e na direcção moral de toda a gente, — e isto é o essencial quando se trata de educação; porque esta palavra não inclue apenas o que se aprende nos livros, abrange o ensino do pulpito, do confessionario, da alcova. — Os jesuitas, diz por fim o sr. Castello Branco, não teem que ver com a corrupção da India: e eu louvo-me no *Soldado Pratico*, onde Couto afirma como elles sabiam defender, casuistica, probabilisticamente, as *peitas* com que compravam governadores e juizes.»

E' de facto singular que, ainda nos períodos de mais acentuado não catolicismo de Camilo — de ateismo mesmo — a Companhia de Jesus seja por êle defendida.

Não há dúvida que a Companhia de Jesus e a Maçonaria são as mais caluniadas instituições na Idade Contemporânea. Mas em Camilo a defesa dos jesuitas será sòmente por espírito de justiça histórica? Eu creio que a sua simpatia pela Ordem de Loyola vem em grande parte, do verdadeiro ódio que em tôda a sua vida nutriu contra Pombal. Abundam provas em muitas páginas de Camilo, através de tôda a sua obra.

Em 1884, a propósito de certo discurso de Castelar no Congresso, a discussão sôbre a Companhia, entre Camilo e Oliveira Martins, renovou-se. Mas é talvez a única discussão que o genial escritor, deliberadamente, quiz manter fora da feição da agressividade polémica.

Cada um dos contendores se manteve nos seus redutos, sustentando as respectivas opiniões de 1879.

Mas quando os artigos de Camilo e Oliveira Martins foram, em 1886, coligidos na *Boémia do Espírito*, sob o título — *Os Jesuitas e a Restauração de 1640* — já êste último, convertido à monarquia, escrevera a Barros Gomes: «... julgo o monaquismo indispensável á justa ponderação da vida social e o meio de satisfazer, de um lado as necessidades misticas de muitos indivíduos, e de outro a urgencia superior que, há para tôdas as sociedades de crearem de si um tipo excepcional de vida virtuosa que sem ter o destino comum dos indivíduos, seja para a vida moral o que os sábios e os escritores são para a vida intelectual — uma aristocracia».

Não era só pelo monarquismo, era já também pelo monaquismo!

E tendo, ainda no artigo de 1884, caracterisado a Companhia como «uma sociedade internacional de intriga e comércio», sobretudo deletéria por estabelecer na sociedade o espírito da obediência cega, diz em outra carta de 1886 a Barros Gomes, então ministro progressista e corifeu do clericalismo:

— «Obedecer é muito melhor do que dirigir: foi esta a grande verdade psicológica sôbre que Santo Ignacio baseou toda a *sua educação do homem*... «Creia que tem em mim um homem pronto a seguir, incondicionalmente, os seus conselhos e a sua direcção.»

Pobre Oliveira Martins!

José Caldas, em 1884, julgando que Camilo ia travar, como costumava, uma luta bravia, implacável, escreve-lhe, apenas lido o seu artigo inicial no *Primeiro de Janeiro*, a fornecer-lhe esclarecimentos de erudição e elementos de contradita — destrutores explosivos e flechas envenenadas...

Camilo responde:

— «Foi facil conhecer logo que o Oliveira Martins não forrageava em Alemanha, nem por muito longe do Compêndio do Doria para uso das escolas. Na resposta que o meu José Caldas já terá visto, limitei-me a não o felicitar pela auctoridade do Rebelo, que foi *um Ruth* de quantas *espigas* históricas encontrou no campo da rotina, já reduzida a bravio para os que hoje estudam. Sou amigo de O. Martins, e não quero beliscá-lo. Assim que o vir um pouco azêdo, a *escamar-se*, deixo-o, porque receio que elle tenha em si alguns globulos da *raça celtica* representada pelo Conceição, pelo Rodrigues, etc.»

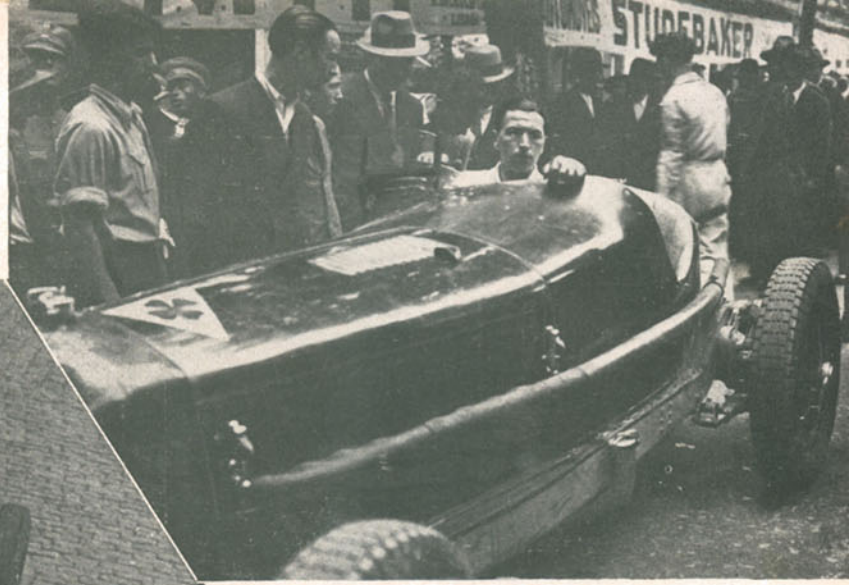
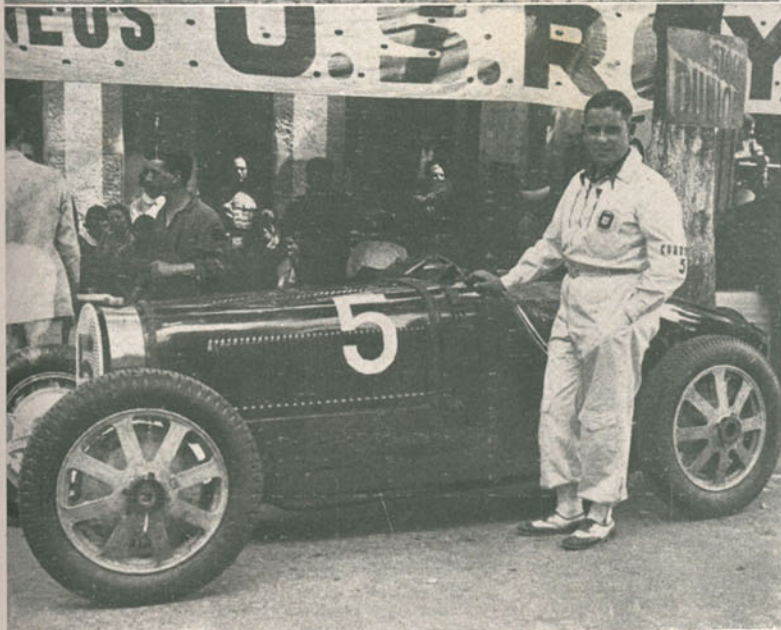
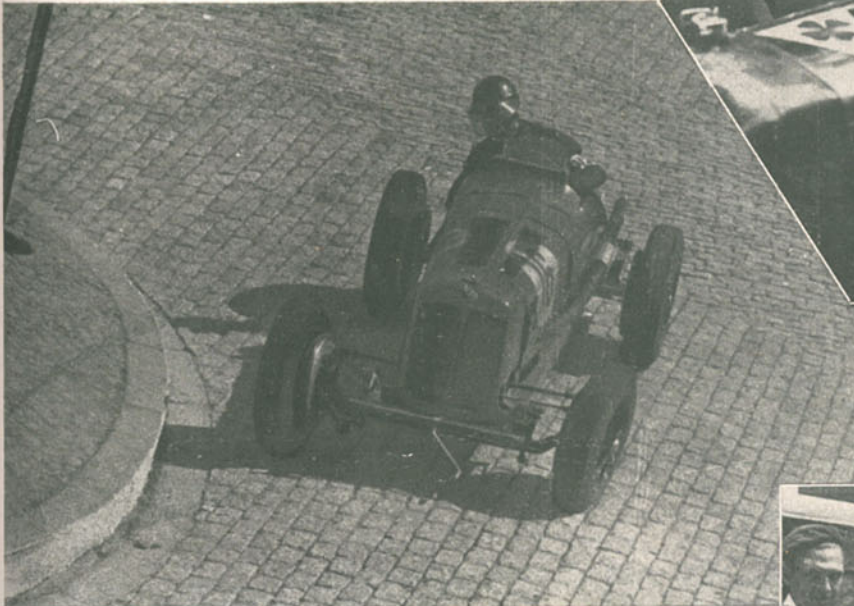
E a questão acabou...

Ah! como êste terrível Camilo perdoa fàcilmente àqueles a quem ama!

Lopes d'Oliveira.

D. Nuno Alvares Pereira

([1]) Da passagem que deixamos transcrita como de outras que contém o artigo encontraríamos talvez rascunho no 2.º tomo da *História de Portugal*, que é de supor fôsse tôda anotada por Camilo. Infelizmente êste tomo perdeu se; na Biblioteca do Liceu de Passos Manuel só encontrei o 1.º. A propósito esclarecere: o exemplar *Galicismos*, anotado por Camilo, de que tratei num artigo anterior, proveio do espólio de Júlio César Machado, e foi a viuva dêste escritor quem o doou ao Liceu, com outras muitas obras. Da *História de Portugal* ignora-se a proveniência.

CIRCUITO DE VILA REAL

A corrida internacional de automóveis, disputada pelos nossos melhores «azes» do volante, constituiu uma grandiosa prova. Triunfou Vasco Sameiro que fez 30 voltas em 2 h. 4 m. 12 s. 60/100, à média horária de 104,366. Ficaram classificados: em 2.º lugar, Ribeiro Ferreira; em 3.º, E. Rayson; e em 4.º Soares Mendes. Os concorrentes Jorge Monte Real, Colegrave e Briault foram forçados a desistir por avarias nos carros que conduziam. — Em cima: Vasco Sameiro, o vencedor; à esquerda, o inglês Briault numa curva.

RIBEIRO FERREIRA, 2.º classificado, confiante nos seus nervos e na sua perícia. Fez 29 voltas em 2 h. 5 m. 29 s. — Em baixo: A equipa inglesa impassível, grave e fleumática, aguardando melhor momento.

E. RAYSON, 3.º classificado, mantendo-se firme no seu posto. Fez 28 voltas em 2 h. 5 m. 43 s. — Em baixo: Vasco Sameiro, passando como um relâmpago.

SUBTILEZ TURÍSTICAS

Ainda e sempre uínas de Pompeia

Não basta desenterrá-la ecessário fazê-las render

Um mosaico de Pompeia

POMPEIA, segundo se diz, vai recuperar o seu famoso Estádio de há dezanove séculos que uma brigada de arqueólogos conseguiu localizar ao cabo de exaustivas pesquizas. Será êste o anfiteatro que há setenta e tantos anos o sábio Fiorelli desentulhou tão minuciosamente que puderam ser contados os vinte mil lugares destinados aos espectadores? Se assim fôr, o triunfo que o professor Amadeo Maiuti, director das escavações, pretende alcançar, ficará empalidecido pela obra realizada há tantos anos por Fiorelli.

Como se sabe, Pompeia, teve a desgraça de encontrar como vizinho o Vesúvio. Embora o vulcão constituisse uma grande fonte de receita para os pompeianos, visto atraír ali milhares de estrangeiros desejosos de admirar êsse infatigável vomitador de lava, todo o lucro se perdeu com a terrível erupção do ano 63, que destruiu tôda a cidade. Ainda assim, os habitantes, que puderam fugir, tentaram a reedificação, à custa de inúmeros sacrifícios, desentulhando duma verdadeira montanha de cinza e lava solidificada a formosa cidade. Pouco tempo se gosaram do seu esfôrço que, pela sua grandeza, e, em atenção ao lendário fundador da cidade, merecia ser colocado junto dos doze trabalhos de Hércules.

No ano 79, isto é, dezasseis anos decorridos sôbre a primeira erupção, Pompeia era destruida novamente pelas lávas do terrível Vesúvio. Os habitantes que conseguiram salvar-se não mais pensaram em reedificar a linda cidade que lhes fôra berço. Para quê? Quando menos esperassem, o vulcão voltaria a destruïr tudo o que se erguesse diante da sua omnipotência cruel.

Para não perder tudo, os pompeianos voltavam rodeados de mil cautelas a rebuscar entre as ruínas tudo o que tivesse algum valor.

Depois Pompeia serviu de pedreira, onde cada um ia buscar os mármores de que carecia — e nada mais.

A ridente cidade, que o imperador Augusto acumulara de honrarias, caíra finalmente no esquecimento mais completo.

Decorreram os séculos.

No ano de 1748, como um campónio encontrasse nas ruínas de Pompeia duas estátuas valiosas, o rei Carlos III ordenou escavações que se arrastaram durante sessenta longos anos, sem quaisquer resultados compensadores. Nisto, chegou Murat, que Napoleão arvorara em rei de Nápoles para o consolar da perda da ambicionada coroa espanhola. .

O seu faro de bandoleiro indicava-lhe Pompeia como sarcôfago das mais deslumbradoras preciosidades Portanto, não hesitou em comprar os terrenos pom eianos, ordenando a intensificação das pesquizas. Que se respeitasse ou não a arqueologia, pouco lhe importava. O que se tornava indispensável era descobrir os tesoiros que uma tal cidade deveria conter, e que êle, no momento em que fôsse escorraçado, levassse consigo, consoante o uso e costume de todos os generais nopoleónicos. Mas, apesar de tôda a sua boa vontade, não foi mais feliz do que Carlos III.

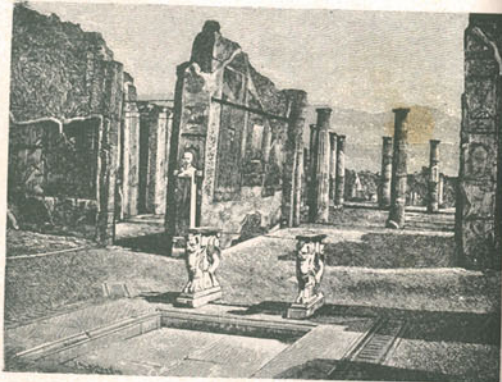
A casa de Cornelio Rufo em Pompeia

Quando os Bourbons regressaram, não acharam bem continuar a extravaganciar dinheiro com as ruínas de Pompeia, e começaram a vender a maior parte dos terrenos adquiridos por Murat.

Tempos depois, o arqueólogo napolitano Giuseppe Fiorelli, sentiu-se tão atraído para essas ruínas vetustas, que escreveu uma obra de fôlego que intitulou *Pompeianarum antiquitatum historia*. Em 1861 começou as pesquizas que duraram mais de trinta anos, e das quais dá minuciosa conta nos seus magníficos relatórios «Escavações e descrição de Pompeia».

Finalmente, a graciosa cidade começava a surgir, numa empolgante evocação da antiguidade. As suas ruas bem alinhadas, debruadas de passeios vistosos, voltavam a ter a animação de há dois mil anos, quando a civilização grega ali operava verdadeiros prodígios.

Ruínas do teatro de Pompeia

Pompeia revivia. Sepultada durante dezoito séculos, quando o alvião dos arqueólogos lhe fendeu o sarcôfago, espreguiçou-se e acordou. Pompeia não estava morta, mas simplesmente adormecida. As paredes estavam ainda cobertas de réclamos eleitorais, entre os quais se destacavam alguns referentes à representação teatral que deveria realizar-se naquele dia trágico com o Casino, de Plauto. Numa casa de cortezãs, tudo se encontrava em ordem. No fôrno conservava-se ainda intacto um prato com feijões que deveriam fazer parte da refeição daquele dia. Na casa de Vettii nada tinha sido destruído. Bastou limpar a canalização para que os repuxos dos jardins funcionassem perfeitamente.

Pompeia ressuscitava ante os olhos deslumbrados dos seus visitantes que iam aumentando de dia para dia.

Tudo isto se passava há setenta e tantos anos.

O turista seguia, enlevado, através das principais artérias. Entrando na Via Consular ou Domiciana, desfilava, a breve trecho, ante uma infinidade de túmulos com os seus epitáfios engenhosos. E, percorrendo a Via Mercúrio, a do Forum, a da Abundância e a de Stabies, ia parar, por fim, à porta do Vesúvio.

Tôdas as portas das casas estavam voltadas para os pátios interiores, visto serem destinados os exteriores aos estabelecimentos comerciais. E que elegância se notava nessas casas. As paredes de pedra revestida de estuque ostentavam pinturas tão frescas como há dois mil anos! Os assuntos preferidos eram os mitológicos, sendo Júpiter, Eros e Afrodita os deuses mais exaltados. Destas casas destacavam-se pela magnificência das suas decorações a do Fauno, a dos Vettii, a do Poeta Trágico, a de Pansa e a de Salustio. Mais além, a vila de Diómedes, por se encontrar um pouco fora da aglomeração, dava a ideia de uma bela casa de campo.

Visitar Pompeia era ter a noção absoluta do pouco que a civilização avançou em dezanove séculos de aperfeiçoamentos.

Os monumentos públicos testemunhavam altamente a cultura e a riqueza dessa cidade que Cícero preferira entre tantas.

O centro era o Forum com os seus belos templos de Júpiter, Apolo e Mercúrio, o mercado coberto, a curia e os tribunais. No Forum triangular, mais adiante, o templo de Hercules, erguido com o maior fervor, visto a tradição afirmar que a fundação da cidade era devida a êste semi-deus. Seguindo sempre, deparava-se com o templo de Isis, a deusa dos povos, tão venerada pelos gregos e pelos egípcios. Aparecia depois o templo de Esculápio com a sua fachada magnífica, e mais além, o pequeno teatro coberto que o imperador Augusto costumava freqüentar. A caserna dos gladiadores distava dali alguns metros.

Finalmente, encontrava-se o magnífico anfiteatro com vinte mil lugares, numa cidade que mal contava trinta mil habitantes!

Tudo isto foi descoberto pelo sábio Giuseppe Fiorelli há setenta e tantos anos...

Agora apareceu o professor Amadeo Maiuti a declarar que as suas investigações, ordenadas superiormente, conseguiram localizar o enorme campo desportivo da antiga cidade, e que os trabalhos de desatêrro são feitos com tôdas as precauções, a fim de que nada seja destruído do que os séculos respeitaram.

Diz ainda que êsse campo de desportos mede 466 pés de comprido por 370 de largo, e está rodeado por uma muralha de mármore, sendo as portas decoradas por magníficas colunas. Era o gimnásio público, construido ao ar livre, muito semelhante aos de Roma. No centro do campo de desportos, está aberta uma grande piscina de natação, tôda construida em mármore, em linhas muito simples sem qualquer decoração, ao contrário do que então se fazia em Roma. Logo que terminarem as obras de escavação e restauração, a piscina será cheia de água, realizando-se, nessa altura, uma grande festa desportiva na qual tomarão parte muitos atletas italianos e estrangeiros. Pretende-se assim, na opinião do professor Maiuti, apresentar uma nova e grandiosa manifestação do ressurgimento da vida de outros tempos e da continuidade exuberante da raça.

Uma rua grande nas ruínas de Pompeia

Os pormenores dados agora à publicidade nada tem de original.

Cita-se, por exemplo, que, durante estas escavações, foram encontrados alguns esqueletos que, pela sua posição, davam uma impressão flagrante de fuga desesperada sob a chuva candente das lavas. Mas isso mesmo verificara o professor Fiorelli há setenta e tantos anos, que até descobriu cadáveres petrificados sentados à mesa e outros no leito, provando-se assim que, enquanto uns, mais animosos, não se dignaram deixar a refeição ante a primeira avalanche de lava, e nessa posição ficaram, outros, dormindo sossegadamente, passaram do sono para a eternidade.

Tudo isto observou o sábio Fiorelli há quási um século.

A rua do Forum em Pompeia

De inédito, a ser verdadeiro, conta o professor Maiuti que encontrou o esqueleto de um dos fugitivos, tudo levando a crêr que seria um fervoroso adorador da deusa Isis, pois entre as suas mãos foram encontradas duas medalhas de prata com a imagem dessa divindade.

Não se compreende bem que tais medalhas estivessem agarradas pelas mãos dum esqueleto que nada poderiam segurar. O facto de as medalhas estarem próximas também nada diz, visto que, após aturadas escavações, revolvendo cinzas e blocos de lava solidificada, não era fácil chegar junto do esqueleto sem fazer mudar de posição.

Enfim, a imaginação, que inspirou a Bulwer Lytton o seu romance «Os últimos dias de Pompeia», pode continuar a engenhar novas obras empolgantes, embora sem o ineditismo que seria para desejar nos tempos que vão correndo.

Um ponto convém frisar, para vergonha de muitas cidades portuguesas: a bem montada rêde de esgotos que a cidade de Pompeia sempre teve, e que tanto contribuiam para a sua salubridade.

Hoje, em pleno século XX, ainda ha cidades na nossa terra — Setúbal, por exemplo — em que o despejo dos seus dejectos é feito em carroças, acrescendo ainda que tais serviços são realizados muitas vezes com sol alto, quando toda a população percorre as ruas, a tratar das suas ocupações. Antes de abrir largas ruas como a do *Forum* pompeiano, tratem dos esgotos.

BELEZAS DE ALMA

HÁ desportos para desenvolver o corpo, fortificá-lo, torná-lo apto para parar os golpes da doença e das intempéries e é bom, cultivá-los. Seria mesmo preciso que todos os pais mandassem para um gimnásio os seus filhos de ambos os sexos, logo aos primeiros anos de vida, para que num exercício prolongado os seus membros se fôssem aperfeiçoando e a sua resistência reforçando. E' realmente muito agradável vêr na rua um rapaz desempenado e uma rapariga elegante, com um á vontade no seu porte e andar, que só pode adquirir-se com a gimnástica.

E não falo dessa gimnástica especial para formar artistas de circo, deslocados, equilibristas ou atletas.

Bastam êsses movimentos de gimnástica caseira, que vários livros da especialidade recomendam, com amostras de exercícios, para se adquirir elasticidade e graça no caminhar e gentileza de presença.

O importante é não ter preguiça, para que todas as manhãs ao levantar se lubrifiquem as articulações com um pouco de trabalho ordenado, a que se chama gimnástica sueca.

Muitas donas de casa dizem que já têm bastante exercício com a vassoura e a escova, mas estão enganadas.

Esses movimentos são sempre os mesmos, e não cumprem a missão de elegância que se pede á gimnástica metodica, que não deixa nenhum músculo inactivo.

■

Mas nós não precisamos apenas de alindar a nossa forma física.

Não é bastante ser belo e elegante exteriormente.

A alma precisa também de ser educada, fortificada, para resistir aos embates da maldade que a cada passo vêm ter com ela e podem amachucá-la, e, o que é peor, contaminá-la com os mesmos defeitos. Para isso, precisamos treinar-nos nas virtudes cristãs.

Destas, as mais precisas, porque delas derivam todos os bens do espírito, são a Fé, a Esperança e a Caridade.

As duas primeiras são irmãs gêmeas. Uma sem a outra, não pode existir. Quando a Fé brota em nosso coração, logo a Esperança surge a seu lado.

Ter Fé é acreditar em qualquer coisa, e quem acredita espera.

Não há nada mais comovente do que entrar numa igreja e vêr, resando, uma velhinha andrajosa, trazendo o estigma da miséria estampado em si, e nos olhos a expressão radiosa da esperança.

Tudo desaba em volta dessa creatura, o estômago reclama há muito tempo alimento melhor, os membros pedem agasalho, e ela não desanima: crê e espera.

E, se nunca tiver mais nada, se a sua vida fôr até ao fim desolação e míngua, não faz mal, porque ela não sentirá os golpes da desgraça, até fechar os olhos para sempre ela acreditará e esperará no milagre da transformação de seus pezares em alegria e de suas privações em confôrto.

■

A outra das três lindas irmãs veio depois — a Caridade — e vive amparada pelas duas mais velhas e experientes. Em beleza, nenhuma pode cantar vitória, são maravilhosas de encanto, as três.

Mas como a Fé e a Esperança não têm períodos certos para manifestar-se no coração do homem, porque ali vivem duma forma definitiva, também a Caridade ali deve instalar-se, sem fugas, numa permanente vigia sem desfalecimentos.

Não há, não pode haver, horas certas para ajudar um cego a atravessar uma rua, para calar a fome duma bôca pálida e triste, para aliviar uma dôr de alma com uma palavra carinhosa e reconfortante.

Bem sabemos que essas semanas de mais isto e de mais aquilo se fazem para lembrar, para tonificar sentimentos que podem ter esquecido ou enfraquecido em nós.

Mas que isso não seja preciso.

Passêmos todos os dias em revista o nosso fundo moral e resistâmos á preguiça espiritual, que é a inimiga de todas as virtudes.

A segurança duma nação está na revisão constante dos seus organismos de defeza, para corrigi-los, aperfeiçoá-los ou substitui-los, conforme fôr preciso para o bem da colectividade.

Dentro de nós há fôrças que precisam de uma fiscalisação rigorosa, para que não se deixem caír em fraqueza ou para que não venham juntar-se-lhes elementos nocivos que destruam, num momento, a linha de combate a que tanto nos custou a estabelecer.

Por mais triunfos que alcancemos, é bom não adormecer sôbre os loiros ganhos.

■

O pior é que há muita gente que a fazer bem, faz o mal, ao mesmo tempo, tal qual como o escoteiro da anecdota. Sabem-na? Nem todos, decerto. Eu conto, porque vem muito a propósito. Um escoteiro, alta noite, acordou e lembrou-se de que não tinha feito nêsse dia as duas acções bôas que são do regulamento da classe.

Então, levantou-se, foi á ratoeira e tirou de lá um rato.

Foi êste o seu primeiro acto de bondade.

Depois ofereceu o rato ao gato da casa que estava com fome.

E aqui está o segundo acto bondoso do dia.

Já viram? Deu a liberdade ao rato e em seguida deu-lhe a morte na bôca do gato, julgando um feito caridoso saciar o estômago do felino, embora á custa da vida que salvára primeiro.

E' assim que muita gente entende a caridade, e a vida ás vezes a isso nos leva.

E o mais engraçado é que, no fim, dá tudo certo.

Se pensarmos bem, o ratinho devia sofrer horrorosamente, metido na ratoeira que constituiria para êle uma cela de grossos varões donde saíria, mais hora menos hora, para a morte. Sim, porque o escoteiro não tinha o rato encarcerado para lhe servir um banquete de migalhas de queijo e pão de ló... Portanto, entregá-lo ao gato para que êste lhe désse o golpe de misericórdia, foi uma boa acção.

Como vêem, dá sempre certo.

Mas é melhor o trigo sem joio... E' melhor o bem, limpo do mal.

Mercedes Blasco.

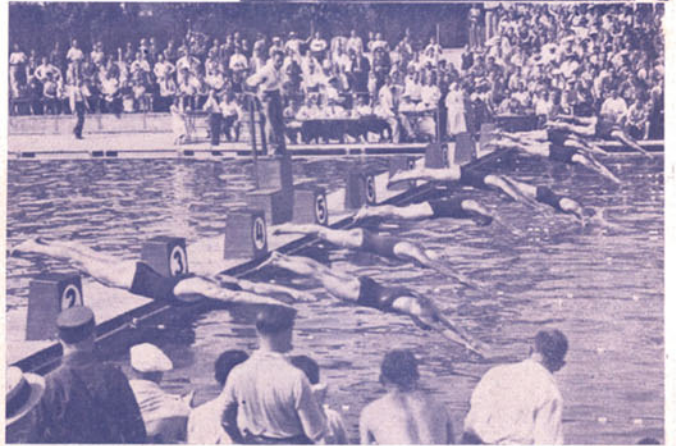
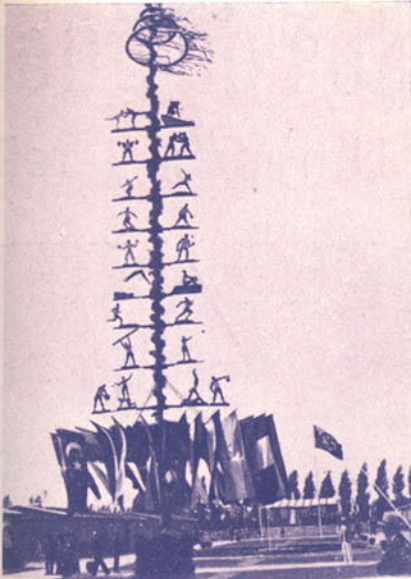
ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

NESTA época de ansiedade e incertezas que o Mundo está atravessando para castigo dos seus êrros e desmedidas ambições destacam-se factos que nos fazem pensar, pelo seu contraste impressionante. Chegamos a supôr, por vezes, que se trata de manifestar pensamentos ocultos por meio de um simbolismo em que se enlaçam estreitamente a ironia e a crueldade.

Enquanto Berlim se desvanece nos seus Jogos Olímpicos, a Inglaterra e a França continuam a evocar os seus herois tombados gloriosamente nos vários campos da Grande Guerra.

A nossa gravura da esquerda apresenta o colossal emblema que foi erguido à entrada do Stadium berlinense, com as bandeiras dos países concorrentes e a descriminação das várias provas. À direita ergue-se o grandioso monumento aos mortos canadianos da Grande Guerra que acaba de ser inaugurado em Vimy pelo soberano da Inglaterra e pelo Presidente da República Francesa.

Em qualquer dos pontos ressaltam provas de energia.

Se os Jogos Olímpicos manifestam o vigor duma raça e a vontade ardente de triunfar, as homenagens prestadas junto dos monumentos que perpetuam o esfôrço glorioso dos herois que morreram pela Mãe Pátria, patenteiam eloqüentemente a mais sublime grandeza que pode fazer palpitar um coração humano.

A célebre aviadora alemã Elly Beinhorn acaba de casar com o conhecido «az» do volante, Bernhard Rosemeyer, que tem conseguido vencer em várias corridas internacionais. Desta vez, realizando a conquista da espôsa, deve dar-se por muito feliz em ser sido vencido por ela, desejando que esta vitória se mantenha por muitos anos e bons.

EM Halberstadt realizou-se um campionato de natação a que concorreram os mais celebrados nadadores. A nossa gravura apresenta-os no momento da partida para a prova dos 100 metros, verificando-se que a objectiva do fotógrafo os apanhou num flagrante instantâneo. Há movimento, firmeza, decisão e uma ânsia indomável de vencer.

O *Tattoo* (festa desportiva militar) realizada na arena Rushmoor, de Ardershot, constituiu o mais belo espectáculo britânico, pois patenteou ânsia juvenil, aptidão física e espírito de aventura. A gravura que reproduzimos apresenta uma das muitas marchas e contra-marchas executadas por bandas militares, pomposos cortejos históricos, exercícios da antiga e moderna arte de guerra, provas físicas e complicadas manobras, e a exibição do primeiro Principe de Gales, segundo os melhores documentários de heráldica. Tudo isto é apresentado à luz de projectores, archotes e lanternas eléctricas. Êste final pode ser assim descrito: Quando o *Tattoo* se aproxima do fim, uma coluna de jovens soldados entra na arena. A sua idade representa «Juventude», a sua aparência denota «Aptidão» e a sua maneira de actuar revela êsse «Espírito de Avventura» que fez do Império o que êle é hoje e que tão esssêncial continua sendo para o seu engrandecimento e manutenção. Este ano, por uma curiosa coincidência, esta festa patriótica teve mais realce, maior espavento e sinceridade.

Aspectos da guerra civil em Espanha

Um pálido reflexo dos seus horrores

Em Madrid, as milícias da Frente Popular após o alistamento que as enviará para a frente do Guadarrama. Neste momento de irritação ninguém sabe o que quere, aceitando até os horrores duma guerra civil que é o piór flagelo sôbre uma nação. Se o homicídio é horrível, o fratricídio, além de horrível, é abominável.

Um aspecto da distribuição de armas em Madrid, cuja guarda fica confiada a mulheres, consoante a gravura que se vê à direita o confirma. Francamente, não sabemos o que um portuguesinho faria a uma dessas guardas.

Operários da Frente Popular, aprisionados em Sevilha, são conduzidos sôb escolta para a prisão. Entretanto as fôrças nacionalistas vão desenvolvendo uma vasta acção, que as levará ao fim almejado: libertar e redimir a Espanha. Quando o patriotismo impõe, não há fôrças humanas que o vençam.

Um aspecto da partida das milícias para o «front», recordando tràgicamente os episódios da Grande Guerra.

Em Toledo, onde a luta se desencadiou mais encarniçadamente. A nossa gravura mostra os revoltosos batendo-se em frente da Academia de que não ficou pedra sôbre pedra. — Em baixo, à esquerda, vê-se uma gentil rapariga que talvez apreciasse mais umas castanholas para bailar um *zapateado* do que a espingarda criminosa que lhe meteram nas mãos. — A' direita, vê-se o general Queipo de Llano saindo duma missa de sufrágio por alma dos oficiais mortos em Sevilha.

A gravura acima dá-nos uma impressão dolorosa do que resta do elegante edifício em que se encontrava instalado o Club Realista de Barcelona. Resta apenas um montão de ruínas fumegantes.

Horror! Horror! Horror! Em Barcelona, foram arrancar frades e freiras carmelitas aos seus túmulos, e expuzeram-nos, numa horrorosa profanação, à entrada da igreja. O que representa isto? A quem aproveitará isto?

Em Toledo, a luta desencandiou-se com uma furia selvagem. O *alcazar*, verdadeira maravilha de que a veiusta cidade tanto se orgulhava está hoje reduzido a um montão de escombros. O que será o dia de amanhã? eis o que a alma espanhola pregunta com ansiedade

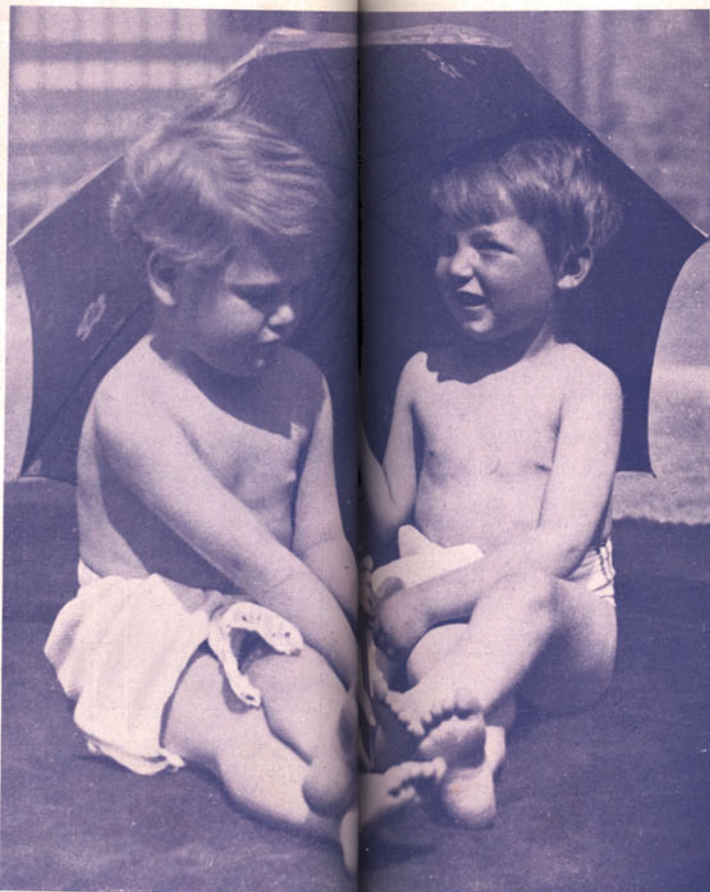
Eis o trágico aspecto do quartel de La Montaña, em Madrid, após o assalto das tropas improvisadas pelo Govêrno. A nossa gravura, apresentando êsse montão de cadáveres, fala mais alto do que tudo o que poderíamos dizer

Numa rua de Toledo, os milicianos levantam um camarada gravemente ferido. Respirará ainda? Eis o que parece preguntar a ansiedade dos que o rodeiam. Valha-nos isso, ao menos. É sempre agradável vêr actos de abnegação, mesmo entre as feras que nos ameaçam a todo o momento

Um aspecto do que foi a luta em Toledo. Os combatentes da Frente Popular atacando a praça Zacodever.

Em baixo: à esquerda, um alojamento improvisado. Finalmente outro aspecto horroroso: O cadáver de uma freira arrancado à paz do seu túmulo e exposto às profanações dos bárbaros

A VIDA NAS PRAIAS

O tributo de saudade que todos temos de pagar

Na orla da praia a infância inocente evoca, sem o pensar, uma epopeia distante

Como teria sido Bartolomeu Dias. Ao fundo um barco parece seguir para o Cabo das Tormentas

NESTA época de veraneio, aparecem nas praias centenas de crianças a impregnar os pulmõezitos no ar benéfico do mar.

Almas caridosas organizaram há tempos várias colónias infantis, onde os filhos dos pobresinhos encontram o carinho e o confôrto dos filhos dos ricos.

Ainda, há dias, uma criança recolhida numa dessas colónias balneares, garatujando um postal à pobre mãe que se ficara, contente e saudosa, na sua árdua labuta citadina, lhe expunha como sabia a enorme felicidade que encontrara, pois "até dormia numa caminha com lençois»!

E' consolador verificar que neste malvado mundo em que a maioria dos homens rasteja como feras, numa fúria instintiva de destruïção, ainda há almas caridosas que se deliciam a praticar o bem!

Triste é pensar que êsses anjos, seguindo a lei inexorável da Vida, hão de crescer, hão de transformar-se em homens para sofrer, fazendo sofrer os que se acerquem da sua convivência! Doloroso é sonhar que essas boquitas encantadoras que apenas balbuciam o solfejo inocente das músicas de céu donde vieram, hão de mentir, um dia, e hão de caluniar com um egoísmo feroz!

O pe...

■

Quando aquele poeta-filósofo afirmou que «recordar é viver», ou mentiu maldosamente, ou nunca esteve numa praia entre a alegria festiva das centenas de crianças que brincam na areia evocando inconscientemente aos velhos que passam um passado que nunca mais voltará.

Nessa altura, recordar não é viver, é morrer a ɔs poucos, é pungir, é verter lágrimas de uma saudade tão amarga que a própria areia, embora afeita à salmoira do mar, deve contraír-se ao recebê-las.

Recordar! Como é triste recordar o que passou! Trepando penosamente a colina agreste do Calvário da nossa vida, valerá a pena olhar para traz? E para quê?

Lá, em baixo, onde ficou o vale florido da nossa meninice que há tantos anos deixamos para sempre, nada resta que nos deleite os olhos. Passou por ali o vendaval do tempo que não perdôa, e desfolhou impiedosamente os tufos perfumados das nossas ilusões mais gratas. Das plantas verdejantes do nosso pomar, restam troncos sêcos e mirrados, semelhando cruzes desoladas das sepulturas...

A infância brinca na areia movediça que nos faz lembrar a nossa vida

Mas quem pode evitar a recordação, embora ela nos punja e dilacere a alma?

Recordaremos, portanto.

■

Nesta quadra calmosa, ao atravessarmos fugidiamente qualquer das nossas praias, onde brincam centenas de crianças, alegres como cotovias e irrequietas como pardais, sentimos uma saudade imensa da nossa infância tão distante.

Mais além, na praia elegante do Estoril, deparamos com jovens formosíssimas — crianças um poucochinho crescidas — oferecendo ao Sol, num delicioso holocausto, os seus corpos venustos e impecáveis.

E o Astro-Rei, sempre gentil, envolve-as no seu afago fulgurante, e doira-lhes a pele alabastrina.

Ah! mas, um dia, tanto as jovens como as crianças, hão de pagar também o seu tributo de saudade quando, ao voltar à praia, sejam forçadas a murmurar na mais pungente tristeza:

"Como é triste envelhecer!»

Uma criança que parece querer perscrutar o que os seus olhitos inocentes não podem ver

Um repouso ilusório desta vida agitada

A juventude radiosa que o sol doira

DECORRIDOS MIL ANOS

A Alemanha evoca o seu primeiro Reich

tributando sentida homenagem ao rei Henrique I da Germânia

A guarda de honra junto do túmulo do rei Henrique I

COMO passasse há dias o milésimo aniversário da morte de Henrique I, rei da Germânia, que os alemães consideram o fundador do 1.º Reich, esta data foi pomposamente comemorada em Quedlinburgo, onde repousam os restos mortais do glorioso soberano.

Nos seus primeiros tempos, êste príncipe não foi muito bafejado pela fortuna. Embora se sentisse fadado para altos destinos, seu pai, o duque Otto da Saxónia, não lhe acalentava as ambições, antes pretendia dissipar-lhas, aconselhando-lhe uma vida pacata e sem cuidados.

Como lhe competisse o trono da Germânia, o duque Otto recusou-o, alegando estar velho e cansado para arcar com tantas responsabilidades.

— E o vosso filho? — preguntavam-lhe os amigos mais íntimos, na intenção de o dissuadir da sua caturrice egoísta.

— Êsse tem com que viver sem preocupações. Que se entretenha a armar aos pássaros...

Com efeito, o jovem Henrique levava os seus dias na caça, aumentando, dia a dia, os seus viveiros de passarada vária. Daí o ser conhecido por Henrique, o *Passarinheiro*.

Sêlo com a efígie de Henrique I

Mas, se o duque de Otto da Saxónia recusava a corôa da Germânia, quem deveria ser o novo rei?

Era tal a aversão que o velho duque nutria pela glória de reinar, que indicou para êsse alto cargo o seu inimigo Conrado.

Dizem os cronistas que o duque Otto levára a sua grandeza de alma a fazer eleger o seu piór adversário, manifestando desta maneira a sua isenção e o seu desinteresse. Não deve ter sido bem assim...

O duque, tendo a impressão de que o título de rei da Germânia constituiria o mais penoso dos sacrifícios, tratou de o impingir à pessoa que mais odiava. E, assim, simulando prestar um serviço, vingava-se diabòlicamente.

Ao que parece, Conrado percebeu estas intenções, visto que, tendo subido ao trono, um dos seus primeiros actos foi despojar o jovem Henrique de grande parte dos seus bens.

Houve quem classificasse de ingratidão êste gesto, tanto mais que Henrique era filho daquêle a quem o novo rei devia o trono. Mas Conrado, tomando a sério o seu papel de soberano, limitar-se-ia a sorrir para os seus mais reservados pensamentos. Entendia perfeitamente. Quando lhe indicaram os degraus do trono, é porque não tinham confiança na sua consistência, e esperavam vê-lo trambulhar nêles, numa quéda mortal... Não sucedeu assim — mas a intenção era boa...

Entretanto, o jovem Henrique, esbulhado da maior parte dos seus territórios, entretinha-se pacatamente a armar aos pardais. No seu íntimo sentia a ânsia de realizar caça mais grossa...

Aguardou o momento.

Um belo dia, o rei Conrado, sentindo-se no fim da vida, desejou vingar-se do velho duque Otto — e designou para seu sucessor a Henrique, o *Passarinheiro*.

Assim se fez.

Partindo da recomendação feita pelo rei Conrado, recomendação apoiada pela situação do reino e pelas excelentes qualidades do recomendado, Eberhardo de Francónia propôs como rei a Henrique que contava então quarenta anos de idade. De tal forma, êste rei deveu a sua corôa à livre eleição de saxões e francos.

Quando Heriger de Mogúncia lhe ofereceu a consagração eclesiástica, que Conrado e Luiz haviam recebido, Henrique apareceu, mas recusou o oferecimento, respondendo que lhe bastava chamar-se rei pela graça e amor de Deus. Salientou que a unção e a coroação podiam reservar-se para melhores monarcas, tanto mais que êle não se considerava digno de tais honras.

Nesta resposta habilíssima, o rei Henrique mostrou ser um grande diplomata, visto que, em nada rebaixando a Igreja, dava a compreender que pretendia conservar perante ela a sua liberdade, isto é, desejava governar ùnicamente como um soberano civil. O aplauso com que foram acolhidas as palavras do novo rei mostrou claramente que o povo germânico via nelas todo um programa de govêrno que deveria conduzir o reino à maior prosperidade.

No entanto, o novo soberano começou logo a sentir as terríveis dificuldades que seu pai — o comodista duque Otto — tanto receeva. Os nobres, couraçados no seu poderio feudal, levavam o seu ousio a impôr-se ao próprio rei.

Chegara o momento de Henrique, o *Passarinheiro*, pôr à prova a sua arte de construír armadilhas.

Com uma habilidade inexcedível, começou a lançar os alicerces à vasta obra que planeava.

O passado, pouca ou nenhuma importância tinha naquêle momento em que era forçoso consolidar uma nação.

Moedas de Henrique I

Mesmo que a revolução de 887 tivesse tornado independentes as tribus germânicas, e ainda que os revoltos tempos de Luiz e de Conrado contribuissem para aumentar o espírito de independência nacional, Henrique I foi o verdadeiro fundador do Estado germânico, pois lhe fortaleceu e completou os fundamentos ainda mal seguros, e foi quem construiu em maior escala sôbre êles.

Segundo os melhores críticos, se a maneira de ser da Saxónia exerceu uma certa influência benéfica, outra coisa não seria de esperar visto ser puramente alemã. O mesmo não podem dizer da Igreja romana que, na ânsia de impôr as suas ideias, acarretou graves desgraças ao Estado germânico ainda em formação.

Henrique I pensava há mil anos como o mais hábil estadista dos nossos dias. Ao mesmo tempo que pensava na defesa contra o exterior, não descuidava o interior, criando nêle uma elevada civilização que, forte por si própria, não pudesse ser atacada por inimigos externos. Deste modo, a antiga luta de saxões contra os dinamarqueses e os eslavos tomou uma importância extraordinária e redundou em benefício de tôda a nação. Mas como poderia atender-se a tôdas estas necessidades, enquanto se não tivesse a costa livre e existisse o receio de que, ao mesmo tempo que o exercito saxónio lutava no Elba e no Eider, os húngaros invadissem as terras indefesas e lhes levassem a desolação e a ruína. Quando os húngaros encontraram um poderoso adversário em Arnulfo da Baviera, dirigiram-se de preferência contra os territórios menos defendidos, e saquearam especialmente a Saxónia. Era preciso, pois, atender-se a isto. No ano de 924, tendo os húngaros penetrado naquêle país indefeso, o rei Henrique, que tivera de se ocultar no seu palácio de Werla, devolvendo-lhes um dos chefes que fizera prisioneiro, e assim conseguiu assinar para a Saxónia um armistício de nove anos, durante os quais teve, todavia, de pagar um tributo anual.

A guarda nazi vitoriando o «Führer»

Neste tempo, enquanto os húngaros assolavam a Baviera, a Suabia e a Lorena, o rei Henrique desenvolvia uma notável actividade organizadora que restabeleceu as forças da sua tribu, iniciando assim uma nova época militar para a nação.

A maior parte das grandes povoações que existiam ao norte e ao noroeste foram cercadas com muralhas e fossos para melhor poderem resistir aos ataques dos normandos e dos húngaros que, com periódica regularidade, continuavam fazendo as suas rapaces incursões. Como a Saxónia contasse com poucas praças fortes, trabalhava-se dia e noite na sua construção.

Os saxões aprenderam a pelejar a cavalo, em fileiras cerradas e em grandes esquadrões, chegando a adquirir uma destreza que serviu de muito contra os velozes esquadrões húngaros. Não se prescindia de homem algum que pudesse pegar em armas. O rei Henrique perdoava aos ladrões e bandidos que entrassem para as suas fileiras, designava-lhes como residência o castelo de Merseburgo, e permitia-lhes dali incursões contra os visinhos wendos.

A cripta da igreja de S. Pedro em Quedlinburgo onde jaz o rei Henrique I

Posto à prova o sistema militar germânico, bem depressa tôdo o mundo se convenceu de que a raça saxónia era o porta-estandarte do futuro da Germânia.

Tendo terminado o humilhante armistício com os húngaros, durante o qual os saxões sofreram o pesado sacrifício de um imposto anual, o rei Henrique julgou chegado o momento de romper o ignominioso pacto que, por uma necessidade imperiosa, fôra obrigado a aceitar.

As tropas estavam suficientemente adestradas na nova tática militar, e os triunfos conseguidos sôbre os eslavos traziam valor e confiança.

Rebentou, de novo, a guerra. Quando a Saxónia se viu atacada pela cavalaria húngara, todo o país estava convenientemente preparado para a receber.

Os húngaros insistiam em receber o tributo e nisso punham todo o seu empenho.

Sabe-se até que, "estando os húngaros no país dos delemincios, receberam, em vez do tributo exigido, um cão muito gordo, enviado em tom de escárnio pelos saxões».

Como a história se repete!

De vitória, em vitória, Henrique conseguiu vêr finalmente cumprida a sua missão sôbre a terra: estava fundado o 1.º Reich!

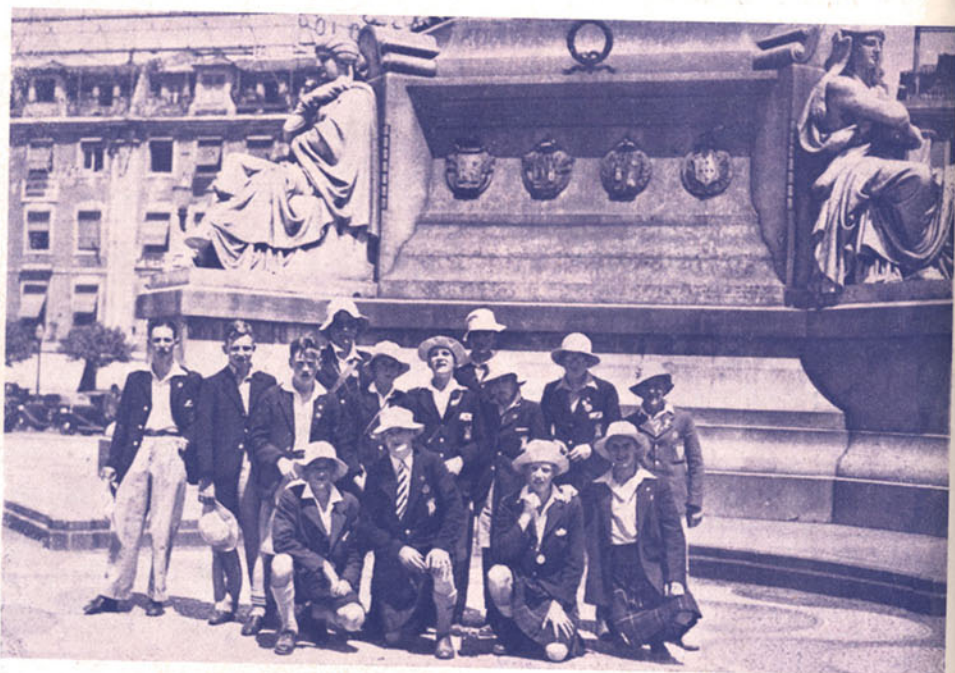
Já lá vão mil anos, mas os alemães, pelo visto, não esqueceram a data da morte do seu grande rei, nem o local omde os seus restos mortais repousam.

E não estaríamos muito longe da verdade se acrescentassemos que, apesar de ter decorrido um milénio, os alemães lembram-se disto mais do que nunca.

FIGURAS E FACTOS

Primo Carnera

PRIMO CARNERA, embora italiano e portanto natural de um país que se ufana das maravilhas tão apregoadas pelas suas publicações de turismo, esteve há dias em Ponta Delgada a deliciar-se nas belezas açoreanas. A nossa gravura representa o famoso pugilista comodamente sentado num café da nossa decantada «Ilha verde».

Estudantes alemães em Lisboa

APROVEITANDO a época do encerramento das aulas, um grupo de estudantes alemães realizou uma excursão de férias à nossa Pátria. Sedentos de beleza, extasiaram-se ante as nossas paisagens que declararam inéditas para os seus olhos viajados. A nossa gravura representa-os junto do pedestal do monumento da Praça dos Restauradores, pouco antes de percorrerem Sintra e os seus poéticos subúrbios. Temos a certeza de que todos êsses jovens visitantes não esquecerão mais a nossa terra e que se referirão com entusiasmo a êste pequeno país ocidental que encerra tanta grandeza e poesia. Esta nossa afirmação é baseada nas declarações que ouvimos das suas bôcas entusiásticas.

Leonel de Parma Cardoso

«FERRO-VELHO» é o título de um livro de crónicas que o ilustre artista Leonel de Parma Cardoso acaba de publicar, declarando que na variedade de assuntos que amontoou *alguma coisa* se há de aproveitar. Aproveita-se tudo.

Raúl Esteves dos Santos

«FIGURAS GRADAS de *A Voz do Operário*» é o novo livro que Raúl Esteves dos Santos acaba de publicar, com todo o brilho do seu talento tantas e tantas vezes demonstrado.

Aleksandros E. Sakellariou

DEVEM lembrar da visita que o navio-escola grego «Aris» fez a Lisboa. Era seu comandante Aleksandros E. Sakellariou. Grato nos é registar que o govêrno grego, reconhecendo o valor do bravo marinheiro, o promoveu por mérito absoluto ao posto de almirante, confiando lhe o comando geral da esquadra.

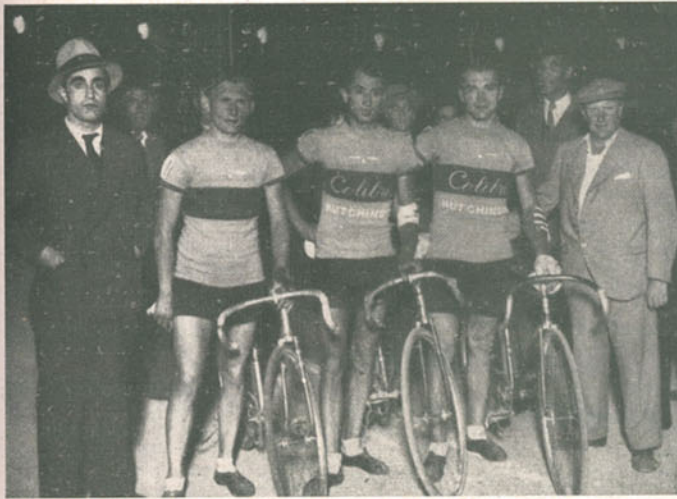
Grego de alma e coração, apesar das modalidades porque a política grega tem passado, a sua figura, o seu exemplo e o seu patriotismo ficaram sempre acima das paixões mesquinhas, servindo de modêlo a todos os que pela Pátria se sacrificam. As gentilezas que Portugal recebeu dêste bravo marinheiro helénico estão ainda bem presentes e por isso nos regosijamos com a justa homenagem que o govêrno do seu país lhe prestou. A sua passagem pelo Tejo ficou memorável, visto o bravo marinheiro ter convidado o seu compatriota Emmanouel Papámikail, que vive entre nós há mais de vinte anos, para fazer na língua grega, a bordo do «Aris» uma conferência sôbre os descobrimentos gloriosos dos portugueses, afim de ilucidar a tripulação.

Conde de Aurora

O sr. conde de Aurora reüniu em volume algumas das suas melhores conferências, intitulou-as «Pela Grei» e pô-las a correr mundo. Deve obter o costumado êxito.

Mercedes Torrens de Garmendia

ACABAMOS de ler um livro de versos «Fraguras de estrêllas» da ilustre poetisa cubana Mercedes Torrens de Garmendia, em que há inspiração, talento e personalidade.

A prova ciclista das 24 horas de Lisboa

A grande prova ciclista das "24 horas de Lisboa" foi ganha pela equipa francesa constituida pelos franceses Cosson, Parizet e Laurent que figura, em cima, na nossa gravura à esquerda, vendo-se à direita a equipa do Sporting, formada por Trindade, Joaquim de Sousa e Ildefonso Rodrigues, e que tão bravamente disputou o triunfo. A classificação oficial foi a seguinte: 1.º Equipa Francesa (Laurent, Cosson e Parizet), com 1780 (717.340 metros) e 177 pontos nos "sprints" oficais; 2.º Sporting A (Trindade, Ildefonso e Joaquim de Sousa), com o mesmo número de voltas e 159 pontos; 3.º Campo de Ourique (Marquês, Braz e Almeida), com 1775 voltas; 4.º Belenenses B (Rosa I, Rosa II e Amaral), com 1766 voltas; 5.º Belenenses A (Faria, Manique e P. Narciso, 1754; 6.º Rio de Janeiro (Castelão, Ladislau e Alvito), 1753; 7.ºs Carcavelos (Serra, Rodrigues Silva e Tomaz) e Alentejo (Bernardo, Almeida e Rato).

Nas gravuras acima vêmos, à direita, os corredores que tomaram parte na prova, e à esquerda, o momento da largada. Se é certo que a equipa francesa ganhou, devemos não esquecer os corredores do Sporting que concluiu a prova a par dos vencedores, embora com pontuação inferior nos "sprints". Pena foi que o Benfica desistisse por um fútil capricho, visto os seus corredores serem dos bons e experimentados. A ter mais um pouco de calma, não teria sido outro o resultado final? Assim, a simpática prova terminou ante a berraria de uns e outros, sem o menor proveito para qualquer deles e muito menos para o desporto. Valeu-lhes, ainda assim, a presença da gentil vedeta Beatriz Costa que com o seu sorriso, como a nossa gravura abaixo regista, deu um pouco de alegria àquele mar de desolação. A gravura da direita apresenta um aspecto da corrida que, a bem do desporto nacional, fazemos votos porque sirva de lição a todos, tanto aos organizadores como ao público.

PÁGINAS FEMININAS

Nota-se *actualmente em Paris uma grande falta, a da mais parisiense das estrangeiras: a americana.*

Não se vê no Ritz, nas corridas, na Opera e nos «Cabarets de Nuit» aquela afluência de americanas, que aqui há alguns anos dava uma feição muito especial aos lugares onde o mundo cosmopolita se diverte.

A americana do Norte tem uma maneira muito sua de se divertir e veste com uma elegância, que o excesso de riqueza não prejudica, como muitas vezes sucede às elegantes da América do Sul, que se prejudicam com a mania do luxo espaventoso com o excesso de joias, que lhes dá êsse ar novo rico, que prejudica a distinção embora as mais das vezes sejam senhoras que nasceram já na opulência, nessa riqueza de milionários tão rara na Europa e que nesses países são tão vulgares.

A americana do Norte, aquela que foi durante uma época a heroina de todos os romances, tem uma maneira de ser muito especial que a torna muito interessante.

Duma elegância natural, a que a prática contínua do desporto mantem uma flexibilidade e uma esbelta silhueta, a americana adapta-se à elegância de Paris com uma facilidade extraordinária, conservando, no entanto, a sua marca de personalidade que nunca perde.

A sua alegria natural e a sua expontaneidade tornam a mulher e a rapariga americanas extremamente simpáticas.

Tratada como uma certa intimidade, o carácter da americana impõe-se à estima pela sua rectidão — a americana é em geral duma absoluta lealdade e duma grande sinceridade.

Quando diz que sente estima por alguém é porque assim é, extremamente «coquette», porque em geral é bela e é admirada, não é mesquinha e tem tôda a consideração pelas suas rivais em beleza e em sedução, como a tem no desporto pelas suas antagonistas, que lhe disputam a primazia em destreza e habilidade no «tennis», na natação, no «golf» e no «ski» pois a todos os desportos se dedica com extraordinária paixão e entusiasmo.

A americana tornava-se e torna-se ainda, aquela a que os meios de fortuna, ainda permitem as viagens, em Paris, pelo seu contraste com a francesa, a senhora de sociedade, que tem sem dúvida melhor gôsto na sua maneira de vestir mas a quem falta a sinceridade e a franqueza expontânea da americana.

O próprio género de beleza é muito diferente, a francesa tem a beleza um pouco artificial, que sua sábia «maquillage» lhe dá, e se já não está na primeira juventude os seus repousos e cuidados é que lhe dão êsse ar moço que é a ambição de tôda a mulher bonita e que se preocupa com o seu aspecto e elegância.

A americana é bonita naturalmente sem recorrer a muitos artifícios, o seu ar saudável, que a sua vida higiénica, ajuda a manter, dá-lhe êsse aspecto de juventude, que a sua alegria enérgica e convicta aumenta.

E se agora em Paris ainda se vêm americanas, não é já nessa quantidade, que afagava, quási, na sua exuberante maneira de se divertir, as mulheres de outros países e outras raças.

A simplicidade das suas gargalhadas a sua maneira de dançar sã e simples, de quem pratica um desporto, tirava todo o ar mórbido às festas nocturnas com a sua concorrência, os seus tangos à meia luz e a maneira de dançar languida de algumas mulheres que têm sempre um aspecto suspeito.

E' a americana a mais parisiense das estrangeiras, porque é a que sabe apreender e tomar o «chic» da parisiense, sem em nada perder as suas qualidades de raça, mantendo sempre a sua maneira de ser muito recta, não pelas outras a quem não liga muita importância, mas por si, pela sua limpeza de alma, que conserva através da sua aparente extravagância.

E Paris ressente-se da diminuição de americanas, nas estrangeiras que o visitam, e, que com a sua alegria e facilidade em gastar se tornavam notadas nas lojas, sobretudo as de bugigangas que na rua de Rivoli atraem as mulheres de todos os países.

Maria de Eça

A moda

Em plena estação de águas e praias, a moda oferece-nos a maior variedade em pijamas, vestidos de manhã e vestidos de Casino. Pode dizer-se que de 15 de Agosto a 15 de Setembro, os vestidos de «toilette», para a tarde, têm um absoluto repouso no guarda-vestidos. As elegantes, as mulheres verdadeiramente «chics» põem de parte a «toilette» e só à noite para os Casinos se vestem.

Nas praias elegantes da Côte de Argent, nas praias do Mediterrâneo, francesas e italianas, nas lindas e soberbas praias do Adriático de que é rainha a maravilhosa e extensa praia da «Lido» de Veneza, está abolido o vestuário; êste ano predomina o pijama, que já há alguns anos apareceu e que está sendo preferido ao «maillot», que só serve para o banho, por terem os médicos começado a discordar com o excesso dos banhos de sol.

O pijama tem a vantagem de expor menos, o que neste verão tão irregular é uma vantagem bem apreciável. O tempo como a humanidade está incerto.

Para Casino está muito em voga o «imprimé» fundo preto florido com as mais variadas flores de brilhante colorido, temos aqui um modêlo deslumbrante, em fundo de setim preto desabrocham as mais lindas flores de cores delicadas. Como complemento tem êsse vestido uma capa em tule de seda preta, formando por traz folhos de tule E' uma «toilette» lindíssima que em qualquer Casino chama a atenção pela elegância e distinção.

Para de manhã nas termas e para um passeio quando o pijama cansa um lindo vestido em seda branca dum corte simples e elegante. «Empiècement» liso de onde sai um corpo de vestido pregueado, saia também pregueada, um chapeu grande guarnecido, como o vestido, com botões azuis escuros, cinto azul escuro.

Pijama em seda vermelha, com um gracioso bolero na mesma seda. Grande chapeu em palha branca com uma fita vermelha.

Pijama em lã para as manhãs frescas, calças em lã azul escuro, «chandaille» em «jersey» fundo branco e xadrez azul escuro e amarelo, sandalias de sola de pau em pelica azul escura e branca.

Para desporto está muito em uso o «short»; Para o «tennis», «shord» em jersey branco, botões de madreperola e cinto em camurça branca, casaco em lã dos Pirineus. Peugas em lã branca, sapatos de camurça com sola de anta.

No jôgo do «tennis», mesmo nos dias de maior calor, torna-se indispensável um abafo em lã, para evitar constipações e pleuresias.

Outro vestido para «tennis» também muito intessante, em linho, abotoado aos lados com botões, duma linda côr azul hortênsia, peúgas da mesma côr sapatos em camurça branca.

A seguir temos um vestido em «tricoline», o corpo aberto à frente, fórma gola voltada e bandas; na saia vêm-se duas profundas pregas, formando macho, cosidas até ao joelho.

O indispensável casaco para êstes vestidos, que se usa antes e depois de jogar é feito em lã de camelo de côr «beije» cortado em linhas vagas, tem as mangas «raglau», fecha até ao pescoço onde é rematado por uma gola voltada para baixo, as algibeiras têm um corte original e é todo forrado em seda.

Um gracioso modêlo de «skorts» assim chamado porque é um intermediário entre o «skort» e a «skirt» (saia em Inglês). Em flanela branca a pequena saia-calção tem um esplendido corte, completa a «toilette» um «sweater» em lã vermelha abotoada à frente com bonitos botões em cristal vermelho, as mangas curtas para facilitar o jôgo.

Nesta variedade de «toilettes» temos para todos os géneros de desporto e praia e podem as elegantes escolher o que mais lhes convém para usar durante este mês de descanso.

A alegria e a mulher

A mulher deve ser alegre, a sua alegria é um raio de sol, que ilumina a casa e que torna a vida adorável aos que com ela vivem.

A beleza feminina não se desenvolve na tristeza, e, é para lamentar que muitas mulheres tenham perdido o gôsto pela alegria. A vida está difícil, é bem verdade, mas essas dificuldades tornam-se menos áridas se forem suportadas com alegria.

Obrigadas na maior parte a viver uma existência de homem, trabalhando ou estudando, as raparigas de hoje perderam com o conhecimento da vida, muitas das ilusões, que iluminavam a mocidade, mas podem criar outros interesses que lhe mantenham em equilíbrio os nervos, e, as façam gozar da santa alegria.

O mais grave é que a beleza não se harmonisa com a amarga melancolia, que não é um clima, que lhe seja propício.

A promessa da felicidade está num triplo equilíbrio, que é necessário manter a harmonia física, e a harmonia intelectual e a harmonia moral.

E não é possível que uma vá sem as outras. A mulher que tem um moral agitado por más qualidades, não pode ter saude nem beleza.

Pode por acaso ser atraente a mulher que tenha uma inteligência atrofiada ou nula?

E a mulher virtuosa destituida de graça, não atrai nem interessa.

Ser alegre atrai fortuna e dá à mulher êsse encanto da harmonia da beleza, da bondade e da graça, porque uma cara alegre é sempre bonita, uma alma bôa é sempre alegre e uma inteligência esclarecida, traz bôa disposição.

A alegria que traz harmonia à vida predispõe à felicidade, uma mulher alegre é para o homem uma promessa de paz, é como uma casa com sol, e a alegria que embeleza e atrai, conquista-se pela vontade, como aliás tudo neste mundo. E uma hora sorridente, uns olhos luminosos são senhores de tudo.

Higiene e beleza

Nesta época do ano, o melhor conselho que se pode dar para a higiene e para a beleza é a permanência ao ar livre o mais tempo possível.

A beleza hoje em dia não se compreende sem o aspecto saudável, que só a vida ao ar livre e desportiva pode dar. No campo ou nas praias, aqueles que vivem todo o ano na cidade, devem conservar-se sempre ao ar, para desintoxicar o organismo, que está ressentido do excesso de trabalho ou da vida de sociedade que fatiga, quási tanto como o trabalho.

Vestir com a máxima simplicidade, sem andar apertadas em cintas é uma das condições para conseguir uma boa circulação. É muito recomendável a ginástica ao ar livre e a prática de desportos, sem exagêro, o que às vezes é também prejudicial.

E' muito para fazer notar às senhoras, que dum momento para o outro assim modificam a sua vida, que é preciso um cuidado especial com a pele, que se ressente sempre da exposição ao ar e ao sol, sobretudo à beira mar. E' recomendável o uso dum bom créme e pó de talco na cara, pescoço e braços. A' noite deve banhar-se o rosto em água morna e deixar a pele livre para respirar.

Receitas de cozinha

Tomates recheados: Estamos na época dos tomates, que tão bem fazem à cozinha como tempêro e que se prestam a fazer tão bons pratos. Escolhem-se tomates de mediana grandeza e ainda pouco maduros; lavam-se, enxugam-se e abrem-se com a ponta duma faca, cortando-se-lhes um bocado em redondo, na inserção do pé. Pela abertura feita, espremendo-os cuidadosamente, tira-se-lhes grande parte da água, e, com o auxílio duma colher de pau, as sementes.

Pela mesma abertura, enchem-se o mais possível com o seguinte recheio: Deita-se numa caçarola bom azeite e uma porção de cebola picada põe-se a refogar, juntando ao refogado presunto e carne de vaca, passados pela máquina de picar, conservando tudo em lume brando, até a carne estar convenientemente passada.

Tira-se então do lume, junta-se-lhe miôlo de pão, leite, dois ovos e para quem goste noz moscada, mexe-se tudo até que a massa esteja perfeitamente uniforme.

Os tomates recheados colocam-se num tabuleiro de ir ao forno, regam-se com azeite polvilham-se com miôlo de pão ralado e levam-se ao forno. A água que ficou dos tomates, vai saindo pelo aquecimento, se fôr de mais tira-se do tabuleiro com uma colher e aproveita-se para ir regando os tomates à medida que o môlho pela evaporação se vai reduzindo. O prato, quando se serve, deve levar algum môlho.

De mulher para mulher

Violeta: Gratissima à sua gentil carta, venho dizer-lhe que nada tem que se admirar a minha fiel amiga. E' muito natural que haja em modas opiniões diversas, como em tudo.

E creia que a moda, mais do que qualquer outra coisa a isso se presta, há-de haver sempre modas para senhoras e outras, para as que o não são, e, precisam de espalhafatosas «toilettes» para atrair atenções. Evidentemente que nesta página dedicada a senhoras, eu não posso dar conselhos senão a senhoras, e, fico muito satisfeita com o aplauso das que verdadeiramente o são, para as outras há sempre quem escreva, ainda que não sejam senão os homens.

Agradeço-lhe o seu interêsse e espero bem continuar a agradar-lhe.

Branca: Só o médico lhe pode dizer para onde deve levar o seu filhinho. Há crianças, que não suportam o ar do mar.

Faça-lhe uns vestidinhos leves, que deixem penetrar o ar e a luz, o branco é o mais indicado e o mais prático, porque se lava com muita facilidade.

Muito interessante a sua ideia de aprender o inglês nas suas férias, há vários métodos de aprender o inglês sem mestre, mas eu acho, que é uma língua muito difícil, pela sua pronúncia, para que consiga qualquer coisa sem professor. Na Livraria Bertrand encontra o que deseja.

Desconsolada: Não se desconsole por tão pouco, se quer essa côr bronzeada, que o ar do mar não consegue dar-lhe, deite umas gotas de iodo na água em que se lava, ao fim de alguns dias terá a côr desejada. Para vestido de noite o «organdi» é agora em Paris a moda e nada há que faça ressaltar a frescura duma rapariga como êsses leves vestidos e êste ano há «organdis» lindissimos.

Provinciana: Mas há na província raparigas interessantissimas e duma grande instrução, não se lamente por viver na província, em tôda a parte a vida tem encantos e vantagens, o caso é sabê-los aproveitar.

E vejo que a sua vida, tendo automóvel e tantas comodidades não inspira piedade a ninguém, arranje uma obra em se interesse vivamente e verá como passa a achar a vida deliciosa.

Coquette: E' linda a sua ideia e o vestido de «organdi» com o chapéu em veludo preto, forma um contraste da maior élite e elegância.

Para saciar a sêde que nos atormenta não precisamos dum copo de ouro e para matar a fome não se torna necessária a cosinha requintada.

Deixai falar os tolos, o saber tem seu valor.

A melhor vitória é vencer o coração e os nossos defeitos.

AS MULHERES DE NAPOLEÃO

NAPOLEÃO BONAPARTE é um dos homens de mais extraordinário destino que tem havido no mundo moderno. Nascido no fim do século XVIII a sua epopeia desenrolou-se nos princípios do século XIX. Foi êle que reorganizou, com uma ditadura de ferro, a França esfacelada pelas convulsões da revolução, que a tinham completamente desorganizado.

O seu espírito organizador e a sua ciência militar, fizeram dêle o redentor da França e o terror da Europa. Como todos os «condottieri» tinha a mania da conquista e foi isso que o perdeu, porque se se tem contentado com os louros conquistados e com o seu admirável destino, não teria acabado miserávelmente como um triste prisioneiro, numa árida ilha africana perdida no Oceano Atlântico.

Mas como o seu destino era extranho em tudo, êsse homem duma rara energia, duma inegável inteligência, dum génio militar, duma férrea vontade, êsse disciplinador de exércitos, êsse conquistador da Europa, o homem por quem até sua Santidade o Papa se deslocou para vir de Roma a Paris coroá-lo imperador, na Catedral de Notre Dame, não foi feliz com as mulheres.

Esse tenente de artelharia, de saude abalada, pois era um asmático, que vencia o seu mal estar, arrostando com a humidade em campanha, tiritando de febre, que chegou a Imperador, tinha um coração de amoroso, mas as mulheres não sentiam por êle atracção, pois está provado, que só foi verdadeiramente amado depois de vitorioso e triunfador o que prova que era a sua glória que atraía as mulheres e não os seus dotes pessoais.

Em novo não se lhe conhecem amores a não ser um ligeiro namoro com Elisa Baciocchi, irmã duma sua cunhada, natural da Corsega e que quando êle era muito jovem se apaixonou por êle. E é para notar como êle, quando chegou aos mais altos cimos do poder, não se esqueceu dela e a protegeu e a seus filhos.

Porque é notável a sua dedicação para com as mulheres que amou, embora elas fossem traidoras ou ingratas.

Mas hoje ocupar-nos-emos das suas mulheres.

Napoleão Bonaparte teve sempre a tendência para subir, a ambição das grandezas, a atracção pela superioridade. Quando chegou a Paris naquela sociedade misturada, que se tinha formado durante o Directório em que predominavam as «parvenues» de baixa origem, notava-se uma jóvem viuva, Josefina de la Pagerie, viuva do Visconde de Beauharnais, aristocrata arruinado que morreu no cadafalso.

A jovem viuva tinha dois filhos e vivia com dificuldades. A sua virtude era muito discutida e mesmo discutível, mas ela mantinha apesar disso uma linha de distinção no seu salão, que a tornava muito diferente das outras mulheres, que a rodeavam.

Apresentado nesse salão Napoleão que a ambição já dominava sentiu-se atraído por essa mulher que lhe pareceu superior a tôdas as outras e duma aristocracia que o enchia de respeito.

De origem creoula, ela tinha a sedução e a doçura das mulheres dos países quentes. Era bela, apesar de já ter os dentes estragados e não estar na primeira juventude. Sem ser inteligente tinha a esperteza bastante para fazer a sua vida, e, compreender que aquele magro e sorumbático rapaz, general tão novo, tinha valor e seria ainda alguém e aceitou a sua proposta de casamento, embora não sentisse por êle amor, como se deduz duma sua carta, que ainda hoje existe, para uma sua amiga íntima.

Quando êle foi para a Itália onde se encheu de glória e começou a manifestar o que era, emquanto êle conquistava glórias e curtia as mais doridas saudades, manifestadas nas mais ardentes cartas de amor, a jovem creoula, que se tinha tornado na mais parisiense das parisienses, não só o não queria ir encontrar em Itália, como êle constantemente lhe pedia, como também lhe não era duma fidelidade exemplar. A moral daqueles agitados tempos era muito larga e quando êle voltou de Itália cheio de glória e de ciumes numa terrível fúria a graciosa creoula soube envolvê-lo nas suas graças, e, êle perdoou-lhe as suas faltas e conseguiu fingir que acreditava na sua inocência e assim ela chegou ao mais alto lugar do seu país onde o amor dêle a colocou.

Josefina foi Imperatriz dos Franceses, foi quási senhora do mundo, e, se Napoleão lhe foi infiel, a verdade é que o seu coração só a ela pertenceu durante anos, e pode mesmo dizer-se que só a ela amou, com um verdadeiro amor.

Napoleão despedindo-se do seu filho

Quando atingiu o seu auge a sua glória e o seu destino, êle, como acontece a todos os que conquistaram o poder começou a considerar-se Imperador por direito divino e a pensar na sucessão ao trono.

Josefina não podia ser mãi e começaram a aconselhar-lhe o divórcio. Suas irmãs que não tinham visto, sem inveja a cunhada, ser coroada imperatriz por um Papa fizeram uma verdadeira campanha e não foi sem uma grande luta interior, que Napoleão se resolveu a abandonar essa mulher, que não lhe tinha sido fiel, e, que nem mesmo no fim quando o viu abandonado e ela estava no fim da vida teve a coragem de o ir acompanhar no seu exílio, escrava talvez da sua indolência creoula.

Depois de divorciado era preciso encontrar-lhe noiva entre as princesas da Europa, a filha mais nova do Imperador da Austria foi a escolhida. Qual seria o estado de alma dessa rapariga é fácil de compreender, ao ser compelida pela razão de Estado a aceitar como marido, êsse homem que tinha viva a mulher e que tinha sido o maior inimigo da sua pátria, o humilhador da sua família, que tinha vencido em tantas batalhas. O seu terror igualara o seu desprêso por êsse homem que tinha sido educada a odiar.

Napoleão ao contrário, ao ver essa fresca rapariga, forte e saudável, um pouco estúpida, mas que ria mostrando uns lindos dentes, sem elegância e um pouco pesada, mas com uma tão linda pele, sentiu-se apaixonar e foi para ela o mais terno dos maridos e o mais ciumento dos homens.

Quando ela lhe deu um filho, Napoleão sentiu-se o mais feliz dos homens e dedicou-lhe um verdadeiro culto em que não deixava de entrar uma certa vaidade de ter uma mulher de sangue real, e um filho que descendia de Imperadores da Austria.

A sua loucura por êsse filho foi extraordinária, o rei de Roma viu a seus pés, brincar como uma criança, adorá-lo, tremer a um chôro seu, êsse homem, que ao franzir as sobrancelhas fazia tremer a Europa e que inspirava terror ao Mundo.

A sua ternura pela criança era enternecedora e Maria Luiza devia ter-se sentido conquistada por êsse amor paternal, que a envolvia também a ela. Mas sentiu por êle afeição, assim não é para extranhar a sua atitude quando êle foi feito prisioneiro pelos ingleses, e também não pode a ninguém espantar a sua infidelidade e a sua paixão pelo conde de Neipperg.

O que é verdadeiramente condenável nessa mulher é a sua falta de coração, que a levou a educar o seu filho, o «Aiglon» que a Aguia tão enternecedoramente amava, no esquecimento do pai. Esse título de Duque de Reichstag, que lhe tirava o seu nome de Bonaparte e fazia esquecer-lhe o seu sangue francês era um insulto ao heroico prisioneiro.

Não é perdoável que essa mulher, que tinha visto o amor que êsse grande homem dedicava àquela criança, não lhe escrevesse a dar notícias dêsse filho tão amado, que apesar de tudo o que faziam para que esquecesse o seu glorioso pai, tinha por êle uma infinita ternura e nunca o esquecia.

Sempre que encontrava um francês falava-lhe do pai e durante a sua doença, tuberculose que o matou aos vinte anos, a sua infinita tristeza era como que uma saudade que o fazia reviver a doce afeição dum coração vigoroso.

Ele, o débil, o fraco, sentia-se reanimar ao pensar que era o filho do homem mais forte da sua época.

Napoleão o homem da ambição e que morreu vítima dela, era também um coração amoroso e nas suas grandes afeições êle não foi feliz, porque não foi nunca verdadeiramente amado senão por essa débil criança, que se finou entre os seus inimigos.

As suas duas mulheres, aquelas que êle verdadeiramente amou, não foram as companheiras dum heroi.

São duas fracas mulheres, uma fútil, frívola um pouco inconsciente e muito ambiciosa. A outra pesada e estúpida, foi-lhe sempre hostil. Ambas sem envergadura para o homem que êle era, ambas egoístas e falsas. Uma foi-lhe boa estrêla, estrêla funesta a outra, e nenhuma a esposa, que aquele homem merecia, que embora a nós portugueses não possa ser simpático, não podemos deixar de admirar e dizer que era um grande homem e um grande espírito.

Maria de Eça.

Um detalhe da formosa paisagem da ria de Goa

A India antiga e moderna

Neste sossegado cantinho ocidental, sempre que ouviamos contar coisas da India, tinhamos a impressão de que nos falavam de um Eldorado fabuloso, tão atraente quão inacessível, tal como um poeta o descrevera ha trinta e tantos anos:

A Índia! Nem sonhais o que é!
Solo de amassadas flores,
Rico de tais esplendores
Que cansam a nossa fé!
....
Onde são mato a pimenta,
A canela, o benjoim;
Onde, entre as galas que ostenta
O seu soberbo destino,
Junto a templos de oiro fino
Surgem paços de marfim...

Assim pensavamos até á leitura do magnífico livro «A India antiga e moderna» que o ilustre escritor dr. António Maria da Cunha acaba de publicar numa luxuosa edição que muito honra as oficinas da Tipografia Rangel, de Bastorá.

O vigoroso jornalista do Congresso Provincial da India Portuguesa que, em seis apreciados volumes, patenteou uma obra vastíssima que todo o erúdito deve consultar, decidiu reünir em livro as suas magníficas crónicas sôbre o «Darbar» de Coroação, realizado em Dezembro de 1911, na cidade imperial de Delhi, que teve enorme retumbância em todo o mundo.

Declara singelamente o autor que, carecendo as suas crónicas de algumas anotações, e que, para atingirem plenamente o seu fim, exigiam um certo desenvolvimento, assim surgiram a primeira e última partes do livro — a India antiga e a India moderna — que tornaram esta obra verdadeiramente monumental.

Na primeira parte, subordinada ao título «A India através dos tempos», o sr. dr. António Maria da Cunha descreve-nos maravilhosamente os tempos pre-históricos; a India védica, com as suas epopeias; o domínio mahometano; a época aurea dos portugueses na India, em que se dizia, num deslumbramento, que «quem viu Goa escusava vêr Lisboa»; o império mogol e a intromissão dos holandeses, ingleses e franceses nesses vastos territórios que os portugueses descobriram; a acção dos Maratas, e, finalmente, India — impériob ritânico. Na segunda parte, trata do «Darbar» de coroação, em que os soberanos britânicos receberam a maior homenagem que um monarca poderia ambicionar.

«A vinda dos soberanos para celebrar a sua ascenção ao trôno, — diz o sr. dr. António Maria da Cunha — teve o grande significado de testemunhar aos súbditos indianos a alta consideração, em que o rei Jorge V e sua augusta esposa os tinham, e demonstrar-lhes publicamente que a sua lealdade e dedicação eram para os reis de Inglaterra tão valiosos como as dos povos de qualquer outra parte do Império britânico, com dignidade e responsabilidade idênticas ás dos outros componentes da nação.

«E — salienta ainda o autor — não deixou esta extraordinária manifestação de ter o merecido reconhecimento por parte dos índios, que se orgulham do seu glorioso e heróico passado, de descendentes de reis e imperadores que governaram Estados de renôme histórico, cercados de homens de alto valor intelectual e moral».

Dr. Antônio Maria da Cunha

Surge, por fim, a terceira parte dedicada á India moderna em que se penetra nas origens do hinduísmo, nas doutrinas de «Karma» e nos mistérios da reincarnação. Erguem se os deuses Brahma, Vichnú e Siva em todos os seus avatares, e, ante êles, vão desfilando as divindades aldeanas, os espíritos malignos e o cortejo das propiciações. Passa-se á orígem das castas e sub-castas, até que deparamos com a alma de Gandhi, impondo a sua intangibilidade. Após um completo estudo sobre as populações rurais, o dr. António Maria da Cunha leva-nos através da India política e mostra-nos minuciosamente a obra da ocidentalização ali vincada, a fundação do Congresso Nacional Indiano, o movimento nacionalista e a acção de Lord Curzon, os movimentos revolucionários, os sacrifícios de Gandhi, as suas prisões e os seus jejuns — enfim tudo o que pulsa e vibra no coração indiano.

Por isso, como acima dizemos, a leitura do livro do sr. dr. António Maria da Cunha mostrou-nos a India tal como foi, como é, e fez-nos vislumbrar o que poderá vir a ser, um dia...

As páginas deste livro precioso empolgaram-nos de tal maneira que não resistiremos em voltar a lê-las mais vezes.

Traçadas vigorosamente por um escritor sugestivo e profundamente conhecedor do assunto de que trata as páginas da «India antiga e moderna» merecem ser lidas por todos os que, apreciando a boa leitura, desejam saber alguma coisa.

E a Índia tem sempre mistérios novos a sondar, belezas encantadoras a descobrir, maravilhas deliciosas a apetecer. Se tudo o que reúne de belo, de atraente e magnífico pudesse ser contado em sugestivas histórias, não chegariam as «mil e uma noites» da meiga Sherazada.

Ora, lêr o livro do sr. António Maria da Cunha, é penetrar no coração da India, e sentir-lhe as pulsações ansiosas, bem perto do nosso coração. Nas suas páginas surgem miragens que nos evocam a epopeia lusíada de há quatro séculos e meio de justíssimo orgulho.

Este livro tornava-se necessário, e, por isso, o seu ilustre autor o quiz legar à posteridade.

Bem haja!

Destas acções, bom seria que tivessem quem lhe seguisse o exemplo que tão bons efeitos produz.

Nas *palavras prévias* com que abre a sua obra, o sr. dr. Antonio Maria da Cunha diz modestamente «não acalentar a pretensão de fazer um trabalho completo sôbre a India, empresa arrojada para as suas forças, pois que candeia velha fraca luz pode dar, e que, a ser mais extenso, demoraria o livro, além do tempo já gasto — demora perigosa no derradeiro quartel da vida em que se encontra».

Esqueceu-se o autor — ou, pelo menos, ocultou-o modestamente — de que fez uma obra magnífica, e que é também o autor dumas «Breves considerações sôbre os meios de atingir a longevidade».

Não se esqueça, pois, de que esperamos ainda muitas mais produções do seu fulgurante talento.

O Arco dos Vice-Reis em Goa

A QUINZENA DESPORTIVA

Alfredo Trindade, vencedor da 3.ª e 4.ª volta a Portugal

NENHUMA organização desportiva consegue, tanto como esta da Volta a Portugal em bicicleta, estimular o entusiasmo do público, prendendo às peripécias das sucessivas jornadas o interêsse de tôda a gente, até daquelas pessoas que habitualmente ignoram os acontecimentos desportivos passados na sua terra.

Pena é que, êste ano, não se realize esta simpática prova visto ser incontestàvelmente o mais grandioso empreendimento desportivo levado a efeito no país. É que, conduzir pelas estradas que circundam o território nacional, durante dezasseis dias consecutivos, cêrca de cinqüenta ciclistas, prestando-lhes tôda a assistência necessária, traduz um arrojo empreendedor que é bem digno de ser colocado em realce.

A Volta, é a única manifestação efectiva de descentralização do desporto; percorrendo a província de sul a norte e de oeste e leste, a corrida dos ciclistas é para muitas localidades, o facto mais sensacional de todo o ano, a visita anciosamente esperada duma amostra da vida fremente das grandes cidades.

O entusiasmo pela Volta, que é preciso haver acompanhado para avaliar exactamente que limites atinge, tem alimentado a popularidade de certos corredores, verdadeiros ídolos da multidão, cuja fidelidade se mantem atravez de revezes e acidentes.

É êste, talvez, o motivo porque a prova é sempre disputada com extraordinária animação; porque os homens de classe sentem a ambição duma vitória que os consagre na simpatia popular, ou que lhes conserve aquela anteriormente conquistada, e porque em tôda a parte onde passa a caravana, nas cidades como nas aldeias mais humildes, à berma das estradas em pontos que parecem ermos, nunca falta o incentivo dos aplausos alegres das populações, o apoio dum interêsse que chega a ser comovedor em gente cuja vida decorre na labuta pesada dos campos, longe da actividade do desporto e das manifestações da civilização.

■

A Volta a Portugal, a realizar-se êste ano, apresentaria a originalidade de ser acompanhada, por vias diversas, pelo hotel onde se instalariam nos intervalos da prova os membros da comitiva oficial e os participantes na corrida.

Este hotel ambulante seria, afinal, um comboio com carruagens-camas e carruagens restaurante que dia a dia, graças a um itinerário propositadamente escolhido, iria esperar a caravana ao ponto "terminus" da caminhada. Parecendo à primeira vista de somenos importância, esta modificação nos moldes gerais da organização traduziria enormes vantagens práticas, tanto para o trabalho dos dirigentes da corrida como para a comodidade dos corredores.

O percurso, cuja extensão iria além dos dois mil quilómetros, apresentar-se-ia êste ano bastante modificado em relação aos precedentes. Na caminhada para o sul voltaria ao trajecto pelo ocidente, por Setubal, Santiago do Cacem, Cercal, Odemira, Lagos e Portimão, que fôra abandonado pelas péssimas condições da estrada entre o Cercal e Odemira.

Recorda-nos ainda o martírio que essa passagem representava para os ciclistas, percorrendo longos quilómetros por caminhos inclassificaveis, envoltos numa nuvem asfixiante de poeira vermelha que não deixava vêr além de escassos metros. Parece que êste estado de coisas se modificou já, que o piso da estrada foi devidamente preparado e com a recente abertura ao transito da ponte sôbre a ribeira do Sol Posto desapareceu o último obstáculo à livre passagem dos carros e bicicletas.

O itinerário fixado seguiria depois, atravez o famoso Algarve, onde a prova demorou dois dias, atravessaria apressadamente, o Alentejo escaldante, parando apenas em Evora, entraria nas Beiras por Castelo Branco e Guarda, cruzando então o país de leste para oeste, a fim de levar os corredores até ao Pôrto, numa caminhada extensa e duríssima.

A jornada seguinte, mais moderada, seguiria o vale do Douro até à Régua, mas o percurso imediato voltaria a ser dos mais difíceis e acidentados, pois atravessa tôda a província de Traz-os-Montes, escalando o Marão e o Barroso para concluir em Braga, depois de visitar Chaves.

Durante dois dias a caravana circularia pelo jardim verdejante do Minho, a criar alento para abalar em três retiradas consecutivas até Lisboa, passando em Aveiro e Leiria.

O itinerário apresentar-se-ia elaborado por forma a conservar até final o interêsse pela competição e, ainda, a permitir apenas a vitória dum homem completo; comportaria percursos extremos, sendo três dêles superiores a 200 quilómetros, travessias acidentadas como as da Estrela e Traz-os-Montes, galopes rápidos feitos contra relógio, uns ou outros, pondo à prova as faculdades mais diversas dos ciclistas.

A Volta a Portugal em bicicleta deveria continuar a merecer a popularidade que a consagrou no calendário desportivo nacional.

Duas palavras de história:

Foi em 1927 que a prova se organizou pela primeira vez e, como era lógico esperar duma iniciativa de experiência, o seu valor desportivo estava longe de corresponder aquele da época presente. Os ciclistas percorreram 1960 km. em 18 estiradas, por estradas em grande parte intransitaveis e a média geral do vencedor, António Augusto de Carvalho, não passou duns modestos 24.700 km. por hora.

Quatro anos passados sem que se tornasse a falar na Volta, apezar do agrado com que fôra recebido pela opinião pública. Só em 1931, o circuito renasceu para se manter em crescente entusiasmo na sua regularidade anual de realização.

José Maria Nicolau foi o triunfador da segunda Volta, e aí começou a fulgir a aura extraordinária de popularidade que envolveu o valoroso ciclista benfiquense; Alfredo Trindade, seu rival de sempre, iniciou também nesta prova a sua carreira de campeão, apresentando-se como mais directo adversário do vencedor que, no ano seguinte, havia de vencer.

A terceira Volta, a de 1932, apaixonou como nenhuma as multidões desportivas, arrastadas mau grado seu na incerteza emocionante do duelo formidável travado entre Trindade e Nicolau, tão nivelado do valor, tão ardentemente disputado que, ao fim de 2.500 km., o primeiro conservava sôbre o segundo uma escassa, embora suficiente, vantagem de três minutos.

No ano seguinte, Trindade voltou a ganhar, e em 1934 era ainda considerado por muita gente favorito da prova; uma queda grave na Serra do Caldeirão deixou-o bastante ferido e um atropelamento por um motociclista, horas depois, na planura alentejana, obrigou-o a desistir.

José Maria Nicolau, alcançou com relativa facilidade, o seu segundo triunfo, a questão de superioridade entre os dois azes, ficou sem solução.

Na época passada, ainda presente em tôdas as memórias, Trindade não poude partir por doença, Nicolau abandonou em Vila Velha de Rodão e Cesar Luís, trouxe a Lisboa a simbólica camisola amarela que um outro homem, José Marquez, vestira durante o troço inicial da prova e cedêra por inferioridade física.

António A. de Carvalho, vencedor da 1.ª volta a Portugal

César Luís, vencedor da 6.ª volta a Portugal

José Maria Nicolau, vencedor da 2.ª e 5.ª volta a Portugal

■

Quem seria o vencedor da Volta em 1936?

A resposta não seria muito fácil de encontrar com segurança, porque no ciclismo português não existe actualmente uma figura de destaque, como era há alguns anos José Maria Nicolau.

Dum primeiro balanço geral, poder-se-ia prevêr como possíveis triunfadores 9 homens: o campo-ouriquense José Marquez os benfiquistas Aguiar da Cunha, Martins Aguiar, Nicolau e Cesar Luís, o belenense Cabrita Mealha e os sportinguistas Trindade, Ildefonso e Filipe de Melo. Fora desta lista, qualquer êxito seria considerado a mais absoluta surprêza.

Neste núcleo seleccionado poderíamos tentar definir probabilidades, analizando a forma e classe de cada elemento e alheando os "menos possíveis".

Cesar Luís não nos parecia êste ano em condição física que equivalesse a da época precedente; Ildefonso, um rapaz com ótimas aptidões, na melhor forma, mas sem o espírito de iniciativa para vencer uma prova tão complexa, e o mesmo poderíamos dizer de Martins Aguiar. Não podemos deixar de reconhecer que Nicolau está longe de valer o que valeu, sendo estes os primeiros quatro homens que afastamos do lote dos favoritos.

Dos cinco restantes, retiraríamos Felipe de Melo e Aguiar da Cunha, cuja época tem sido bastante irregular, Cabrita Mealha a quem falta serenidade e domínio de esfôrço para fazer valer numa corrida tão extensa as suas invulgares qualidades atléticas.

Restariam Marquez e Trindade, que consideramos os dois ciclistas com maiores probabilidades de conquistar os louros da sétima Volta, se ela se realizasse, fazendo do primeiro o nosso preferido, porque tem por si a mocidade e a ambição de glória.

Nesta crónica, traçada sôbre o joelho, num desabafo, ante a contrariedade que impediu a prova, salientamos franca e lealmente o nosso pensamento.

Assim, resta-nos aguardar o próximo ano, na esperança de que a Volta a Portugal continui a realizar-se.

Provas destas não devem abandonar-se, visto que constituem uma manifestação de vida, de fôrça e de energia que muito honra tanto os concorrentes como os organizadores.

Salazar Carreira.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 64

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTO FINAL DO ANO DE 1934

Resumo das produções publicadas: Mefistofélicas, 54; Metagramas, 20; Novíssimas, 189; Sincopadas, 140; Logogrifos, 17; Enigmas em verso, 22; Enigmas figurados, 18; Enigmas pitorescos, 6. Total — *466.*

Produtores: Africanista, 12; Alfa-Romeo, 1; Alferes, 2; Anastácio, 2; Antolino, 5; Antoni, 1; António dos Reis Rodrigues, 1; Atenas, 15; Augusbelo, 2; Augusta Vitória, 2; Azevedo e Bourbon, 1; Bad-Ahmed, 2; Bisnau, 5; Bravel, 1; Braz Cadunha, 5; Carlos Elmano, 2; Dama Negra, 2; Deniz Lima, 3; D. Liró, 1; D. Simpático, 1; D. Valor, 1; Doridófles, 5; Dr. Sabão, 1; Dr. Sinal, 4; Dralieba, 3; Edilva, 1; Efonsa, 15; Euristo, 1; Ferjobatos, 8; Fernambelo, 12; Fontelísio, 5; Frangerque, 7; Frei Satanaz, 3; Gigantezinho, 1; Godinho, 1; Hary, 2; Hélio, 3; Ignotus Sum, 8; Jobema, 16; Jodonha, 1; José Tavares, 3; Justa, 8; Leirbag, 2; Lengueluca, 2; Lérias, 33; Lord X, 1; Luiz V, 1; Maete Animo, 1; Magala, 4; Maria Luíza, 2; Micles de Tricles, 8; Miquita, 3; Miraluz, 6; Miriam, 4; Mister Anão, 1; Moreninha, 6; Nèlito, 8; Ocsav, 5; Olegna, 2; Olho de Lince, 16; Padre Matos, 1; Pérola Branca, 1; Phino, 2; Pinoca, 5; Pobre Marreco, 2; Racso, 2; Reinadio, 17; Rei Pavor, 3; Repórter 13, 1; Sàcrista, 5; Sileno, 3; Silva Lima, 3; Teu Pai, 1; Ti-Beado, 38; Tino de Óbidos, 8; Tony Troante, 1; Trombone de Varas, 1; Valério, 10; Veiga, 16; Vidalegre, 29; Vingador, 1; Viola, 6; Vitorino, 1; V. Lilaz, 2; Xicantunes, 18; Zé Agá, 5; Zé Nabo, 3; Zulmiranda, 1. Total — *466.*

Decifradores: Deniz Lima, 288; Africanista, 219; Olho de Lince, 219; Frá-Diávolo, 215; Antomar, 203; Lérias, 203; Pecadora, 203; Veiga, 203; Zé Banana, 203; Zé Nabo, 203; Zica, 203; Zuraya, 201; Cantante & C.ª, 199; Aço, 178; Jofete, 171; Rupama, 171; Rui Helmingo, 159; Linda Morena, 130; Márius, 130; Sinhá Durol, 130; Pérola Branca, 116; Sàcrista, 114; Faro Leiro, 112; Xicantunes, 111; Historiador, 109; Ti-Beado, 109; Gigantezinho, 103; Verdegaio, 103; Apolo V, 102; Bisnau, 98; Ferjobatos, 98; Micles de Tricles, 89; Alfredo Antunes, 86; Anastácio, 86; Augusbelo, 86; Fernambelo, 86; Hary, 86; Leirbag, 86; Lengueluca, 86; Miquita, 86; Miriam, 86; Rei dos Cow Boys, 86; Somel, 86; Tino de Óbidos, 86; V. Lilaz, 86; Fan-Tan, 84; José da Cunha, 84; Rei Luso, 84; Salustiano, 84; Ignotus Sum, 80; Justa, 80; Nèlito, 80; Viola, 80; Ocsav, 79; Sonhador, 74; Demócrito, 68; Fontelísio, 64; Ktavento, 60; Lisbon Syl, 58; Chy-No-San, 53; Azevedo e Bourbon, 50; Júlio César, 48; Deka, 41; Mimoca, 33; Miúdo & Graúdo, 32; Ladoeiro, 30; Lomelino Silva, 27; Carlos Dias, 26; Marco Lino, 26; Rei Viola, 25; Ziúlaice, 25; Tony Troante, 20; Detective Amador, 16; Doridófles, 16; Rei do Sêbo, 16; Reinadio, 16; Ruvina, 16; Seta de Alva, 16; Sopmac Oivatco, 16; Vata d'Uge, 16; Vidalegre, 16; Miss Pinkerton, 15; Aldeão, 14; Alfa-Romeo, 14; Augusta Vitória, 12; Jobrito, 12; Só Darco, 12; Miraluz, 10; Alma Lusa, 9.

Classificação dos Decifradores: Totalistas, —; 90% ou mais —; 75% ou mais, —; 50% ou mais, Deniz Lima; 25% ou mais, Africanista, Olho de Lince, Frá-Diávolo, Antomar, Lérias, Pecadora, Veiga, Zé Banana, Zé Nabo, Zica, Zuraya, Cantante & C.ª, Aço, Jofete, Rupama, Rui Helmingo, Linda Morena, Márius, Sinhá Durol, Pérola Branca.

Classificação dos Produtores — Com Quadros de Distinção: Dr. Sinal, 3 Quadros com 19 votos; Lérias, 2 com 17; Olho de Lince, 1 com 15; Braz Cadunha, 1 s/v; Efonsa, 1 s/v; Frangerque, 1 s/v; Ignotus Sum, 1 s/v; Moreninha, 1 s/v; Olegna, 1 s/v; Sileno, 1 s/v; Valério, 1 s/v; Vidalegre, 1 s/v.

Com Quadros de Consolação: Vidalegre, 3 Quadros com 17 votos; Braz Cadunha, 3 com 13; Jobema (...), 3 com 3; Africanista, 1 s/v; Fontelísio, 1 s/v; Ignotus Sum, 1 s/v; Lérias, 1 s/v; Sàcrista, s/v; Veiga, 1 s/v.

Outras votações: Valério, 3 votos; Jobema (...), 2; Alferes, 1; Dralieba, 1; D. Simpático, 1; Efonsa, 1; Ferjobatos, 1; Godinho, 1; Ignotus Sum, 1; Lérias, 1; Micles de Tricles, 1; Reinadio, 1; Vidalegre, 1; Vingador, 1; Zulmiranda, 1.

Nota: Estes apuramentos são devidos à gentileza e paciência do nosso prezado amigo e confrade Bernardo Castelbranco *(Ti Beado)*, de Luanda. É um trabalho interessante e louvável e por isso o publicamos, embora o regulamento desta secção não tenha previsto, por motivos alheios à nossa vontade, apuramentos de resultados.
A *Ti-Beado* os nossos agradecimentos pela deferência e provas de carinho pela nossa secção.

APURAMENTOS

N.º 55

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 9

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MADEIRA
N.º 11

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 5, Mar Said

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 12 pontos
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Silva Lima.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 11. — Capitão Terror, 11. — Salustiano, 11. — Rei Luso, 11 — Só-Na-Fer, 11. — Só Lemos, 10. — Sonhador, 10. — João Tavares Pereira, 10 — Lamas & Silva, 9. — Salustiano, 9. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 9.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 5. — D. Dina, 5. — Lisbon Syl, 5. — Aldeão, 4.

DECIFRAÇÕES

1 — Dobra-brado-dobrado. 2 — Amo-mago-âmago. 3 — Solapa. 4 — Caramuru. 5 — Negocioso. 6 — Fumoso-fuso. 7 — Lamento-lato. 8 — Cereja cer(v)eja. 9 — *Estafonar.* 10 — Maisquerer. 11 — *Arena-Ana.* 12 — Viva a galinha com a sua pevide.

TRABALHOS DESENHADOS

10) ENIGMA FIGURADO

Veiga

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICA

1) A *mentira alastra* como o *som.* (2-2) 3.

Lisboa *Ziúl*

NOVÍSSIMAS

2) *O povo* só vê *furo* no que está *patenteado.* 2-2.

Lisboa *Silva Lima (T. E.)*

3) A *pessoa que dança mal* tem a *figura* de quem gosta de *vadiar.* 2-1.

Luanda *Ti-Beado*

4) Com *delicadeza* é fácil a «*um*» homem tornar-se *favorecido da sorte.* 2-1.

Luanda *Ti-Beado*

SINCOPADAS

5) O *homem baixo e grosso* é *cinzento* como um tordo. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

6) Quando eu estou no meu *aposento* encaro tudo com *atrevimento.* 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

7) Que *cascata* tão *alegre!* 3-2.

Lisboa *Vina*

TRABALHOS EM VERSO

NOVÍSSIMA

(Renovando os meus agradecimentos a «Mad Ira»)

8) "Da discussão nasce a luz".
Nasce a luz reveladora...
É homem, como supus?
"Mad Ira" é uma senhora?

Se é mulher levou a mal
O meu agradecimento.
Carreguei demais no sal:
Abusei do condimento.

Se é dama a recem-chegada,
Seja benvinda "Mad Ira"
A esta grei celebrada.
Quem tão bem dedilha a lira
Tem jus a ser festejada.

Onde há "Jofralos", "Reis Feras"
"Euristos" e outros que tais,
Que em charadismo são «queras», — 1
"Mad Iras" não são demais.

Mas o mais certo, porém,
É ser "sol de pouca dura"...
Deus, que lhe deu formosura
(P'ra mulher supremo bem)
Se lhe completa a ventura

E lhe dá um "bèbézinho",
Então (são favas contadas!)
Nada mais vê que o filhinho — 2
E manda ao *Diabo* as charadas!...

Lisboa *Sileno*

SINCOPADA

9) Está *descoberto* o teu jôgo,
Já não caio nesse laço!
Eu vi tudo logo, logo,
Só pelo teu "*embaraço*". 3-2.

Santarém *Mister Anão*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Evocando Delfim Guimarães

Os amigos e admiradores de Delfim Guimarães tributaram à sua memória uma nova homenagem, manifestando assim que não o esqueceram, nem o esquecerão nunca.

O poeta, o prosador, o investigador mantém-se nas almas que tanto o amaram, e continua a conversar com elas através das deliciosas páginas que lhes deixou.

Temo-lo ainda presente como, quando há quarenta e três anos, nos patenteava os poemas em prosa da sua «Alma Dorida» com êste pensamento de Schopenhauer: «Se foi Deus que fez êste mundo, eu não queria ser êsse Deus: a miséria do mundo partir-me-ia o coração».

Teixeira Bastos, ao fazer a apresentação do jovem escritor que vicejava entre as verduras dos vinte anos, perscrutou-lhe a alma e traçou, implacável o seu diagnóstico:

«Não são êstes «Poemas em prosa», como crê o autor, «o livro de impressões de um temperamento doentio e melancólico, um livro puramente individual», mas sim, mais do que isso, um «documento humano», — na frase» significativa de Zola, — precioso por verdadeiro e sentido, produto natural da crise dos vinte anos, tão semelhante em quási todos os moços da burguesia nos tempos que vão correndo.»

Em seguida, Teixeira Bastos, que muito bem conhecia o Delfim, e o admirava, definia-o filosóficamente:

«O filho família, quando sai do lar paterno para a vida do mundo, leva a crença cega na Religião incutida desde o berço pelo amor dulcíssimo de mãi, e contempla o ambiente social através de um prisma de idealismo faiscante de sonhos e ilusões. Não tarda muito, desde que transpõe a soleira da porta para iniciar a existência de homem, que não comece a ver desfolharem-se, uma a uma, as flores mimosas da sua fantasia e a surgir a realidade tal qual ela é com tôdas as suas agruras e espinhos.

«A fé recebida com o leite materno e fortalecido pela educação durante a infancia, cede o passo à dúvida que, pouco a pouco, abala as bases da crença religiosa; a moral santa e casta, gravada no coração pelo ensino maternal e pelo exemplo doméstico, sente-se quotidianamente ofendida pela vista do infrene tumultuar das paixões humanas; a generosidade instintiva, o amor do próximo, o desinterêsse próprio da adolescência recebem no contacto com o mundo, com as misérias sociais, freqüentes repelões que deixam uma vibração dolorosa na consciência.

«Neste estado de espírito, que justamente sucede ao optimismo dos primeiro anos, o adolescente pensa como Schopenhauer...

«...Se o adolescente é poeta, os sofrimentos morais, resultantes dêsse estado de alma, encontram um derivativo na expressão verbal, adornada das galas de estilo e de ritmo, mais ou menos rendilhados e fulgurantes.

«Atingido êste estado mental e afectivo, verdadeiro estado de crise, o indivíduo corre o risco de permanecer nele perpetuamente, resvalando para a degenerescência psíquica ou para a identificação com os factos que no primeiro momento o revoltaram, se não regressa ao anterior estado de crença, mas já sem a poesia e a ingenuidade da infância ou se não se eleva à concepção positiva do mundo por um esfôrço próprio de reorganização intelectual e moral.»

Foi isto o que Teixeira Bastos viu em Delfim Guimarães, o jovem escritor que, nesses belos tempos, transpunha o pórtico das letras.

Aconselhou-o a dominar-se até que a serenidade de ânimo se sobrepuzesse às incongruências mórbidas da crise metafísica.

Nesse mancebo de olhar ansioso descobria belas aptidões literárias e a tendência grave de pensador.

No ano seguinte, o autor da «Alma Dorida» fazia as suas «Confidências» num delicioso livro de versos, em que por entre um grande desalento, tenta, por vezes, dominar-se a si mesmo e triunfar:

A vida encaro já por outro prisma,
Não vejo tudo negro nem me abisma
A Dor e o Mal, as mágoas que consomem...

Aos sofrimentos já resisto, forte.
Julgo enfim conhecer as leis da Sorte...
Deixei de ser criança, — sou um homem!

Pouco antes, o poeta, suspirava ao pensar na felicidade que não encontrava neste mundo:

Julgando-a perto, e confiantes nela,
Vamos seguindo a tentadora estrêla
A quem há muito chamam a Ventura.

Nossa vida passamos a buscá-la,
E sem a encontrar, a procurá-la
Descemos inda à fria sepultura!

É certo que alguma felicidade encontrou por êste mundo junto do lar que construiu com enorme carinho, enlevado no amor da esposa e filhas que o adoravam.

No entanto, a firmeza dos seus princípios manteve-a sempre intangível, inquebrantável. O jovem poeta da «Alma Dorida» que, aos vinte anos, pensava como Schopenhauer, é aquele que aos quarenta realiza a magnífica interpretação das «Flores do Mal», de Baudelaire.

Delfim Guimarães
(Carvão de Veloso Salgado)

Pobre Delfim Guimarães!

Grande e bondosa a alma sua! Dêle se poderá dizer que muito sofreu porque muito amou!

Da sua bôca nunca se desprendeu uma má palavra fôsse para quem fôsse, até mesmo para aqueles que lhe queriam mal por inveja do seu talento que se dispersava em variadíssimas modalidades literárias, ora escrevendo versos deliciosos como os da «Alma Portuguesa», ora traçando prosa empolgante como a do «Rosquêdo», ora profundando os arquivos poeirentos, para desentulhar de lá o mavioso Bernardim Ribeiro que tanto enternecimento lhe merecia.

Coube a Delfim Guimarães a glória de ter sido o primeiro a afirmar que Bernardim Ribeiro era o poeta Crisfal.

O poeta, deixando por algum tempo as regiões serenas da sua inspiração, entrou a sacudir a poeira das velhas bibliotecas, até que nos apareceu triunfante.

Já não existiam dúvidas. O misterioso Cristóvão Falcão era o amorável, o terno, o doce, o idílico bucolista Bernardim Ribeiro. A prova estava feita em face de documentos irrefutáveis. Surgiram polémicas, ergueram-se divergências, mas Delfim Guimarães voltava a ser o poeta.

A sua boca nunca se abriu para apoucar sequer aqueles que mais o agrediam!

Um indivíduo, ao chegar a casa, encontrou uma carta da espôsa declarando-lhe que fugia, visto ter encontrado quem melhor a estimasse. Imperturbável, o marido fez publicar o seguinte anúncio: "Ao cavalheiro, que fez o favor de levar-me a mulher, rogo no seu próprio interesse que mande buscar a sogra e o irmãozito, afim de ficar com a baixela completa„.

■

Numa aula de doutrina cristã, a professora a um dos alunos:

— Quem é que tudo sabe, tudo ouve e observa todos os nossos actos?

— E' a criada — respondeu o aluno.

■

— Nunca tive inclinação para as viuvas — dizia um namorador impenitente — infundem-me terror.

— Pois eu sinto atracção por elas — respondeu o outro — aquele veu, aqueles crepes dão-me a ideia dos escritos duma casa que se aluga.

— Será tudo o que quizeres, mas eu não queria ser o segundo marido duma viuva.

— Pois eu, o que não queria ser, era o primeiro!

Êle: *Que diferença existe entre imprimir e publicar?*
Ela: *Muita. Você pode imprimir um beijo na minha face, mas não o deve publicar seja onde fôr.*

■

A criada, despedindo-se da patroa:

— Vou-me embora no fim do mês. Peço à senhora que arranje criada.

— Não estás satisfeita?

— Estou, sim, minha senhora.

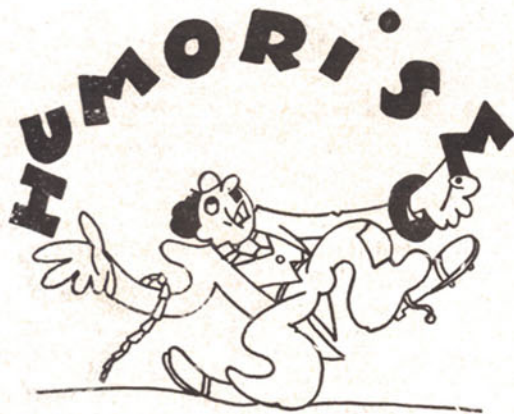
— Achas pouco o ordenado?

— Não é por isso. E' que vou casar-me.

— Calculo que casarás pela igreja.

— Não, minha senhora, caso-me pelo dinheiro que o meu noivo tem.

■

Sabes, Maria — dizia um pai à filha de vinte e um anos — o sr. Moreira veio pedir-me a tua mão. E' um cavalheiro respeitável e tem fortuna. Tem cinqüenta anos, é certo, mas isso é uma garantia de juizo e ponderação. Não te parece bem?

— Conformo-me com o que o pai desejar... Mas, se me desse a escolher, a um marido de cinqüenta anos, preferia dois de vinte e cinco.

■

Um indivíduo que se dedicava à criação de aves, expunha numa reunião da especialidade as várias experiências que realizára, e sempre com o maior êxito.

— Agora — rematava êle — ando a vêr se consigo o cruzamento de pombos correios com papagaios.

— Essa agora?! E para quê?

— Para que os pombinhos que nascerem possam preguntar por onde devem seguir, caso percam a direcção.

■

Um advogado procurava salvar o seu constituinte do rigor dos juizes.

— Não tem a mais leve atenuante — replicava o delegado do ministério público. Roubou por meio de arrombamento e feriu gravemente o dono da casa assaltada. Além da crueldade, teve ainda a premeditação. Não se descobre a mais ligeira atenuante...

— Existe uma — grita o defensor — uma e convincente: o meu constituinte é surdo como uma porta, consoante o tribunal averiguou a inquirição. Ora, sendo surdo, como poderia êle ouvir a voz da consciência.

Pontos de vista diversos

Ela: *Olha, querido, não são tão engraçados os burros?*

(The Happy Magazine)

■

Uma senhora que tinha a mania do belo canto, notava que o marido se afastava, logo que ela se sentava ao piano.

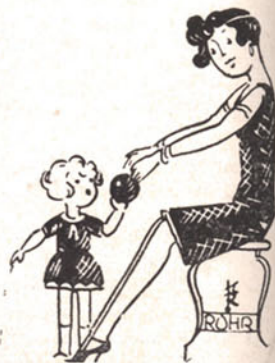
— Porque vais para a janela sempre que começo a cantar?

— Para que os vizinhos, ouvindo os teus gritos, não suponham que te estou a bater.

■

Um indivíduo que presumia de espirituoso, encontrando-se na mesa dum hotel com um oficial de diligências, cuja presença o irritava, saíu-se com esta:

— Se eu tivesse um filho idiota chapado havia de o fazer oficial de diligências.

— Pelo que vejo — respondeu o visado sem se melindrar — o seu pai não era da mesma opinião.

— *Ó mamã, Deus lá do céu vê tudo o que fazemos?*
— *Sim, meu filho.*
— *E quando o céu está enevoado?*

■

Uma criada, desejando ir a um baile, sai de noite às escondidas, levando uma das "toilettes„ da senhora. Esta, dando por isso, aguarda a chegada da atrevida, e pespega-lhe uma tremenda descompostura.

— Parece impossível que vestisses o meu melhor vestido para ir a êsse baile! — rugiu a senhora indignada.

— Pois olhe, minha senhora, estou mais arrependida do que pode imaginar. Nunca eu o tivesse feito...

— Reconheces então que procedeste mal?

— Não, minha senhora, é que todos me diziam que eu estava simplesmente ridícula com êste trajo.

■

Num café:

O criado acercando-se do cliente que acabava de entrar: — Que toma V. Ex.ª?

— Uma pneumonia dupla, se não fecha imediatamente aquela porta.

■

— Ontem vi entrar o teu marido numa taberna... Um homem tão respeitável... Fiquei assombrada...

— Mais assombrada ficaria eu se me dissesses que o tinhas visto saír de lá...

Casamentos

Para seu filho Bernardo, conde de Caria, que acaba de concluir com uma alta classificação o curso de Direito, foi pedida em casamento em Cascais, por sua mãe, a sr.ª D. Maria Emilia Viana Machado Mendes de Almeida, viuva do sr. Boaventura Mendes de Almeida, a sr.ª D. Maria Carlota de Sousa e Faro de Lencastre, gentil filha da sr.ª D. Judite de Sousa e Faro de Lencastre e do distincto clínico sr. dr. Fernando de Lencastre, realizando-se a cerimónia no fim do corrente mês.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Beatriz Ilda Coelho Lloyd, interessante filha da sr.ª D. Adelina da Conceição Coelho Lloyd e do sr James Lloyd, com o sr. António José Soeiro e Silva, filho da sr.ª D. Maria Soeiro e Silva e do sr. António José da Silva, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. João Lloyd e o capitão Jorge Oom.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para a Madeira, donde seguiram para os Açores, onde fôram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguezia, reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Fernanda da Cunha Duarte Reis, gentil filha da sr.ª D. Mariana da Cunha Duarte Reis, e do sr. Augusto Duarte Reis, com o sr. dr. João Augusto Moreira Rato, filho da sr.ª D. Maria Laura Celestino Soares Moreira Rato e do capitão de fragata sr. Augusto Moreira Rato, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Ilda da Cunha Duarte Reis Lopes, irmã da noiva e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da irmã da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— No Barreiro, realizou-se na igreja de Nossa Senhora do Rosário, o casamento da sr.ª D. Alice Ribeiro Nobre, interessante filha da sr.ª D. Ana Ribeiro Pacheco Nobre e do sr. José Pacheco Nobre, com o sr. dr. Izidro Chandelier Duarte, filho da sr.ª D. Vitorina Chandelier Duarte e do sr. Luís Izidro Chandelier Duarte, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Antónia Ribeiro Pacheco Nobre, e D. Mariana Figueiredo Pena, e de padrinhos os srs. dr. Manoel Pacheco Nobre e António Ozorio Pena.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Presidido pelo prior da freguezia reverendo monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de S. Pedro, em Alcantara, o casamento da sr.ª D. Maria Amélia da Silva Pereira, gentil filha da sr.ª D. Maria Luiza da Silva Pereira e do sr. Custódio Xavier Pereira, com o sr. Américo da Silva Marques, filho da sr.ª D. Aurora da Silva Marques e do sr. Carlos Pinto da Costa Marques, servindo de madrinhas a sr.ª D. Ana da Conceição Marques, e a mãe do noivo e de padrinhos o tenente-coronel sr. José Marques, e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, seguindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Antónia Pereira Martinho, interessante filha da sr.ª D. Helena Pereira Barroca Martinho e do coronel sr. José Maria Martinho, com o sr. Fernando Rosa de Oliveira, filho da sr.ª D. Josefa Gomes Pereira Bastos, e do sr. Fernando Cezar Rosa de Oliveira, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos, o pai da noiva e o sr. Armando Bástos de Macedo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia do tio da noiva sr. Carlos Reincke, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial da Pena, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Pereira, com o sr. Antéro Gomes Machado, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria Luíza Vaz Moreno e Mário Augusto Gomes Machado, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido um finissimo lanche, partindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel, seguindo dali para o Pará, onde vão fixar residência.

— Presidido pelo prior da freguezia reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Ermelinda Teixeira Gomes,

A sr.ª D. Maria do Carmo Pereira de Mendonça e o sr. Carlos Vinhas Junior, por ocasião do seu casamento realizado na paroquial de S. Sebastião da Pedreira
(Foto Melo)

gentil filha da sr.ª D. Alda Teixeira Gomes e do sr. dr. Eugénio Teixeira Gomes, já falecido, com o tenente de marinha sr. Eugénio Ferreira de Almeida, filho da sr.ª D. Virgínia Ferreira de Almeida e do sr. dr. Manuel Pais de Almeida, tendo servido de madrinhas, a mãe da noiva e a sr.ª D Antónia de Moura Portugal e de padrinhos os srs. comandante João Chaves Ubach e dr. Manoel Pais de Almeida, servindo de caudatários os meninos Iolanda Steffa Ubach, Emília Marques Ferrão, Eugénio António Rodrigues Ribeiro, e Artur Rodrigues Consulado, e de «damas de honor» as meninas Alzira Teixeira Rodrigues, Maria Candida Teixeira Rodrigues Consulado, e Maria Teixeira Rodrigues Consulado.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia da mãe da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Bussaco, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Manuela Ravezzini Queirós dos Santos, interessante filha da sr.ª D. Alice Myre Ravazzini Queirós dos Santos, já falecida, e do sr. Daniel Augusto Queirós dos Santos, com o sr. dr. Fernando de Macedo Chaves, filho da sr.ª D. Guilhermina Gonçalves de Macedo Chaves e do capitão sr. António de Macedo Chaves, já falecido, servindo de madrinhas a madrasta da noiva sr.ª D. Pérola de Sá Coutinho Queirós dos Santos e a mãi do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o primo do noivo sr. Radamés Araujo Mota.

— Realizou-se na paroquial de Santa Izabel, o casamento da sr.ª D. Amélia Machado Lopes Coelho, gentil filha da sr.ª D. Rita Machado Lopes Coelho e do sr. Manoel Lopes Coelho, como sr. dr. Jacome da Cunha Delfim, filho da sr.ª D. Maria Amélia da Cunha Delfim e do sr. Joaquim Duarte Delfim, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Lúcia Coelho Santana Cardoso e D. Maria del Pilar Benito Garcia Salazar de Souza, e de padrinhos os srs. José Santana da Silva Cardoso e dr. Carlos Salazar de Souza.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial dos Anjos, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Amélia Corida de Carvalho, interessante filha da sr.ª D. Maria Corida de Carvalho e do coronel sr Pedro Alexandre de Carvalho, com o sr. Ascenso de Figueiredo, filho da sr.ª D. Maria Tavares de Figueiredo e do sr. José de Figueiredo, já falecido, servindo de madrinhas, as sr.as D. Branca Matos Santos, e D. Maria Guiomar Marques e de padrinhos os srs. Tomaz dos Santos, e Apolinário Paulo Marques.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial de S. Mamede realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Alécia Pinto Serra Meira e Souza, interessante filha da sr.ª D. Maria Estefánia Tavares Amorim Pinto Serra Meira e Souza e do sr. Meira e Souza, antigo director do nosso colega «O País», com o distinto médico madeirense, sr. dr. Henrique Vieira da Luz, filho da sr.ª D. Ana Vieira da Luz e do sr. Manoel Vieira da Luz, servindo de madrinhas as sr.as D. Gabriela Amorim Reiche e D. Amalia Vieira da Luz Viana e de padrinhos os srs. dr. Anselmo Vieira e dr. Alfredo Vieira da Luz.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel, partindo dali para a Madeira, onde fôram fixar residência.

Nascimentos

No Pôrto teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Alzira Andrade Couto Andresen Van-Zeller, esposa do sr. Pedro de Magalhães e Menezes Van-Zeller. Mãi e filho estão de perfeita saude.

— A distinta violinista sr.ª D. Maria Luz Antunes Lapa, espôsa do nosso colega na imprensa sr. Albino Lapa, teve o seu bom sucesso. Mãi e filha encontram se felizmente bem.

Baptisados

Realizou-se na paroquial de Cedofeita, no Pôrto, o baptisado da menina Maria Emilia, gentil filhinha da sr.ª D. Bernardina Braga Homem de Almeida e do sr. Victor Homem de Almeida, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Maria Emilia Figueiredo de Matos e de padrinho o sr. Fernando Pinto Leite Homem de Almeida.

D. Nuno.

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 2.
Copas — — — —.
Ouros — A.
Paus — A. 8, 6, 4, 2.

Espadas — 8, 6, 4.	N	Espadas — D. 3.
Copas — A. 5, 4, 2.	O E	Copas — 7, 3.
Ouros — — — —.		Ouros — 8, 4.
Paus — R.	S	Paus — 10, 5.

Espadas — R. V. 9.
Copas — R. 6.
Ouros — 9, 3.
Paus — 3.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz as vasas tôdas.

Solução do número anterior.

S joga o 10 de espadas e *N* balda-se ao Rei de paus. *S* joga o 2 de paus que *N* corta com a Dama de ouros, *E* balda-se a copas ou ao 8 de ouros.

N joga o 7 de ouros, (*E* balda-se a copas se se tiver baldado ao 8 de ouros), *S* joga o 4 de ouros e *O* faz vasa com o 9 de ouros.

O joga paus, *N* balda-se ao 6 de copas, *E* balda se ao 10 de copas, e *S* entra com o 10 de paus e joga a Dama de paus, *O* joga paus, *N* balda-se ao 8 de copas e *E* é forçado a perder as duas defêsas, firmando o 2 de espadas de *S* com o Az e o 8 de copas de *N*.

Uma divisão singular

(Problema)

Saberão dizer-nos como se há-de dividir treze em dois números iguais, sem fracção?

A origem da capela «expiatória»

Há, em Paris, na Praça Luiz XVI, uma capela chamada «expiatória» e erigida para consagrar o lugar onde foram sepultados os corpos daquele rei e da rainha Maria Antonieta.

Tôdas as vítimas do «Terror» durante a revolução francesa foram guilhotinadas na praça da Concórdia (então chamada da Revolução) e inhumados no cemitério da Magdalena, que continuou a existir até 1823.

Em 1815, quando se fez a restauração da monarquia em França, o rei Luiz XVIII mandou empreender pesquizas e encontrou ou julgou ter encontrado os ossos dos infelizes soberanos. E sôbre o seu tumulo foi construida a capela.

Há em França 30 000 surdos-mudos; sendo só em Paris, 4.500.

O que é o sono?

O que é o sono? Segundo a definição geral, o sono é uma condição de inconsciência durante a qual descançam todos os sentidos.

Mas ainda que isto seja verdade, continúa a preguntar se: O que causa este lapso de inconsciência?

Uma teoria afirma que o sono é devido a uma anemia transitória durante a qual o sangue abandona o cérebro, e aflue a fortalecer outros orgãos fatigados do corpo.

Enquanto à quantidade de sono necessária aos indivíduos, há um dito vulgar, segundo o qual o homem dorme cinco horas, a mulher seis e o parvo sete; mas tem se observado que a mulher suporta melhor do que o homem a falta de sono.

O sono das flores e dos animais é muito curioso. Aquelas cerram as pétalas, geralmente, sob a influência da acção do sol. Nos animais, o sono parece-se muito com o do homem, excepto nos sêres das escalas mais baixas da vida animal. O sono de alguns répteis, peixes e insectos dura vários dias e até mêses inteiros. Entre as flores há algumas que dormem de dia e acordam ao anoitecer. A planta do tabaco é uma delas.

Troca de números

(Solução)

8	4	8
4	0	4
8	4	8

Os antiquários

Quando Miguel Angelo Buonarotti apresentou em Roma as suas primeiras obras de escultura, não achou senão desprezo ou repreensões dos *entendedores*, que só sabiam admirar os fragmentos das obras gregas e romanas. Não era Buonarotti homem que sofresse afrontas sem se vingar; para isso, em vez de replicar aos seus detractores, foi fazendo às escondidas uma estátua do melhor mármore branco, e depois de a acabar o mais perfeitamente que poude, mas sem se afastar do próprio gôsto e estilo, a sujou muito para que mostrasse grande antiguidade, e enterrou-a, tendo a cautela de lhe quebrar primeiramente um dos braços e de o guardar.

Brevemente a estátua foi descoberta e desenterrada. Não se falava de outra cousa em Roma. Nunca se vira obra mais perfeita e acabada. Já havia entendedor erudito que marcava a época em que fôra feita; eis senão quando, Miguel Angelo apresenta o braço que faltava à estátua, mui polido e novo e conta o logro que pregara aos antiquários que ficaram corridos e esbravejando.

Um médico oculista que faz milagres

O doutor Tudor Thomas, cirurgião oculista, estabelecido em Cardiff, tem no seu activo algumas curas que se reputam milagrosas, tendo já restituido a vista a grande número de cegos. O método inventado e seguido por êle consiste na ablação da córnea e na sua substituição por uma córnea préviamente tirada dos olhos de pessoas atacadas de cegueira incurável devido a lesões internas do nervo óptico. Este cirurgião contou que muitas pessoas teem oferecido a córnea de um dos seus olhos e se teem declarado dispostas a perder um olho para restituirem a vista a um cego.

— Numerosas pessoas teem vindo procurar-me e afirmar-me estarem prontas a sacrificar-se, umas por pessoas de família, outras pela humanidade, outras com o fim de ganharem uma boa quantia, — declarou o doutor Thomas.

Nenhum dêsses oferecimentos foi, todavia, aceite.

Anecdotas

— Espero que as minhas visitas lhe não sejam desagradáveis, pois não?

— Não, pelo contrário — respondeu o convalescente. Por mais aborrecido que eu esteja quando você chega, quando se vai embora, fico sempre bem disposto.

—:—

— Você já sofreu algum desastre em questão de automobilismo?

— Olhe, foi numa garage que conheci minha mulher!

—:—

Duas boas amigas, apreciando a toilete duma terceira:

— Devéras! gostas do vestido dela?

— Muito! Fá-la parecer mais velha, pelo menos dez anos:

Idêntica importância

A Cartomante: — Vejo aqui uma grande perda... a perda de um marido.

A Consulente: — Mas se êle já morreu há cinco anos!

A Cartomante: — Então, deve ser a perda do seu chapéu de chuva.

Escondidos neste desenho estão quatro moços de lavoura, dois pombos, uma galinha e outra vaca.
Vejam se os descobrem a todos, virando a gravura dum lado e doutro.